

Alckmar Santos

**arquivo de quase sonetos
e alguns amores**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitora

Roselane Neckel

Vice-Reitora

Lúcia Helena Martins Pacheco

EDITORA DA UFSC

Diretor Executivo

Fábio Lopes da Silva

Conselho Editorial

Fábio Lopes da Silva (Presidente)

Ana Lize Brancher

Andreia Guerini

Andréa Vieira Zarella

Clélia Maria Lima de Mello e Campigotto

João Luiz Dornelles Bastos

Luis Alberto Gómez

Marilda Aparecida de Oliveira Effting

Editora da UFSC

Campus Universitário – Trindade

Caixa Postal 476

88010-970 – Florianópolis-SC

Fones: (48) 3721-9408, 3721-9605 e 3721-9686

editora@editora.ufsc.br

www.editora.ufsc.br

Alckmar Santos

arquivo de quase sonetos e alguns amores

© 2016 Dos autores

Coordenação editorial:

Paulo Roberto da Silva

Capa:

Leonardo Gomes da Silva

Editoração:

Carla da Silva Flor

Revisão:

Flavia Vicenzi

Ficha Catalográfica

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

S237a Santos, Alckmar

Arquivo de quase sonetos e alguns amores / Alckmar Santos. –
Florianópolis : Editora UFSC, 2016.

165 p. : il.

Inclui bibliografia.

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

ISBN 978.85.328.0731-1



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

br.creativecommons.org

Sumário

Arquivo de apresentação.....	7
primeira parte	15
segunda parte – lirismos antigos	99
terceira parte – letras para música.....	135
quarta parte – quase epílogo.....	161

Arquivo de apresentação.

Alckmar Santos reitera e aprofunda, em *Arquivos de quase sonetos e alguns amores*, características que distinguem sua escrita poética. O que de imediato identifica essa escrita é a dicção, que combina um tom elevado (por ele chamado “barroco”) com uma atenção bem moderna ao jogo com a sintaxe e com o vocabulário. A experimentação das possibilidades da forma inclui o uso de métrica, de rimas, de ecos paronomásticos e diversos outros tipos de restrições produtivas baseadas em figuras de ritmo ou de linguagem (como, por exemplo, o palíndromo). Nesse sentido, o que a poesia de Alckmar Santos parece buscar é uma fusão bastante pessoal da profundidade histórica da tradição literária com a experimentação, até recentemente nomeada “de vanguarda”. Uma evidência bem clara desse dispositivo é a presença, no livro, de experiências visuais com o formato das letras ou com determinados padrões gráficos, que reinterpretam a tradição dos labirintos visuais do barroco, oferecidos como enigmas ao leitor.

A mistura poderia parecer desconcertante não fosse justamente a tomada de partido pela heterogeneidade que acaba suspendendo o sentido habitual que tem, por exemplo, o uso da forma fixa ou de certas restrições formais. Como se, para o poeta, não se tratasse de propor uma filiação em relação a este ou a aquele procedimento, a esta ou aquela escola da tradição, mas de recolocar em circulação esses recursos, de renovar o interesse pela convenção e seu manancial de possibilidades. Se o livro não deixa de remeter a propostas historicamente situadas, como a do grupo francês Oulipo, esse ar de família acaba se diluindo na experiência mais abrangente de variação para a qual o que está em jogo parece ser a própria poesia. Pode-se dizer que cada um desses recursos é, legitimamente, a cada passo, uma figura de poesia,

isto é, figura na qual a ideia de poesia está em primeiro plano. Até por isso, apesar da parte final do livro, que reúne uma série significativa de sonetos (no sentido da forma consagrada de 14 versos), a expressão “quase sonetos”, no título, remete, com distanciamento crítico ou de modéstia (“quase”), à forma poética de modo mais geral. O soneto é aqui, para lembrar Jacques Roubaud, um outro modo de dizer “poema”.

Somando-se à questão do soneto, no título do livro, a elevação do tema poético do amor também é problematizada, já que a incompletude do “quase” ecoa igualmente em “alguns”, profanando assim a simples ideia do grande amor. *Arquivos de quase sonetos e alguns amores*, de fato, é uma coleção de cenas amorosas, relacionadas com diferentes tipos de experiências afetivas e eróticas que cobrem o grande arco de uma vida. Iniciado e concluído pelo mesmo texto (“Do amor”), o livro propõe uma espécie de filosofia do amor, na qual o verso seco e fraturado tem a missão de sustentar as constantes sinuosidades de pensamento. A trajetória proposta acompanha de perto a experiência de formação afetiva, indo da descoberta do encantamento ao desencanto mais radical (por exemplo, com o casamento). De modo que, também neste caso, a ambição que está por trás da centralidade do amor é mais ampla, designando um lugar especialmente sensível da experiência no qual está em jogo, de fato, o retrato e o percurso da vida “do fim ao começo”.

Apesar da atitude grave relacionada com a passagem do tempo, reafirmando o amor físico diante da morte e a inutilidade da poesia diante da vida, os poemas são também capazes de tonalidades mais baixas e do erotismo mais explícito. Assim como ocorre no tratamento da “forma”, no jogo entre a restrição e a experimentação, Alckmar Santos leva seu leitor a perguntar-se sobre o sentido desse contraste desarmônico entre a seriedade filosófica e a crueza da notação sensível. De tal modo que poderíamos nos perguntar se dramatizar esse contraste não seria um modo de definir o amor, para além do campo do pensamento e da memória, de uma perspectiva provocativamente “poética”? Se chamar a um livro de “arquivo” não seria uma forma de subverter o suporte da poesia (mais afeito à ideia de uma “memória” viva) e ao mesmo tempo recolocá-lo em jogo?

É em pontos como esse que os poemas de *Arquivos de quase sonetos e alguns amores* claramente superam tanto a emulação da forma e o desafio da “contrainte” quanto o campo homogêneo da filosofia, indo na direção de alguma coisa que evita dizer seu nome, mas que está efetivamente em jogo na relação entre a biografia e a escrita do poeta, entre as técnicas poéticas de que se vale e o desejo de reafirmação da vida.

Marcos Siscar

*O my America! my new-found-land,
My kingdom, safeliest when with one man mann'd,
My Mine of precious stones, My Empirie,
How blest am I in this discovering thee!
To enter in these bonds, is to be free;*

John Donne

*Quem vê, Senhora, claro e manifesto
O lindo ser de vossos olhos belos,
Se não perder a vista só em vê-los,
Já não paga o que deve a vosso gesto.*

*Este me parecia preço honesto;
Mas eu, por de vantagem merecê-los,
Dei mais a vida e alma por querê-los,
Donde já não me fica mais de resto.*

*Assim que a vida e alma e esperança,
E tudo quanto tenho, tudo é vosso,
E o proveito disso eu só o levo.*

*Porque é tamanha bem-aventurança
O dar-vos quanto tenho e quanto posso,
Que, quanto mais vos pago, mais vos devo.*

primeira parte

DO AMOR

*Jouer harmonieusement de la cithare va de pair avec le
maniement du fer – Alcmeno.*

Amor, pássaro que põe ovos de ferro – Guimarães Rosa

Não há, em todo amor, mais graça e engenho,
Senão os que lhe outorga o certo esmero,
O mesmo esboço ousado que um só dedo
Se impõe como arrojada empreita
E arrisca-se a traçar, tão lento e ledó,
Podendo associar grave ao gracejo
Em único desenho, corte ou ceifa,
Que é mais, é mesmo o quase certo apreço
Por quem sabe ensinar inteira
A vida, do fim ao começo.

E supõe, então, o desvelo
De vária fatura, esse enlevo
De tocá-lo assim, e mais, só de vê-lo,
Dando então a dura macieza ao zelo,
E insana labuta ao sossego.
É que, feito de fero e ferro,
Não quer Amor voz, e nem vez aceita
Que não seja a pluma e seu peso,
Isso que, nele, enfim, permeia
A vida, do fim ao começo.

E é dando prova de secreto
Fausto, é bordando em fina teia
A durez sem par e sem medo
Que sojiga mares a areias,
É assim que se asenhoreia
De tudo o que se move e, lento e certo,
Infatigável como sói e sempre
Foi, é só assim que Ele atende
E enfim busca e expõe o sobejo:
A vida, do fim ao começo.

E é riscado em chanfro e talhado em gelo,
E trocado em fogo, todo tão perto
De uma divindade, qual Febo
Fosse, que faz ver, por completo,
A vida, do fim ao começo.

DOS AMORES ESCONDIDOS

Mínima das coisas, menos
Que a linha em que pousa o certo
Arabesco
Que o mofo ensina
Em cima dessas paredes...

A ínfima parceria
Dos lentos e iguais dos dias
Só catando
Seus tantos milhos
De instantes pegos na rede...

E assim se podia ir vendo,
Aqui, o que ia, no vento,
Refazendo
Em cada esquina
O amor que gritava: “Sede!”

“Sede!” Mas de que matéria
Essa sua teia se armava,
Se ela impõe
Seus duros ovos
De ferro na flácil pele?!

P’ra melhor secar sua sanha
De tamanha alguma dor,
Não são dois
Que se repartem
Os zelos que a todo impele?!

Mesmo à-toa, nesses erros,
Faz-se um acerto em tais acasos
De tão meros
Espalhafatos.
É que amor a tudo investe...

Vão os dois, tecendo quinas,
Pois há vida em todo vão:
Na menor
Das gelosias,
Sabem, sim, se pôr alegres!

E veem, mais, então, seus olhos,
– Que aos dolos danam e afugentam –,
No que tentam
Circunscrever
A pena que é dura e leve!

E apenas se sabem sós,
P'ra mor recato, esses dois,
Bem depois
Se dão abraço
De que nunca mais se perdem!

E pedem apenas não mais
O que traz toda acalmia:
Cada dia
Já sendo, é certo,
Ilha feita continente!

* * *

– Eu sei, Marcela, me adoras,
Mas não de jeito a se ver,
Que se alguém repara ou nota,
Deslustra o amor, e a magia
Desfaz-se e, alfim, se esboroa!
Eu sei, mui bem, esperar
Que chegue, então, essa hora
Em que a lida que compete
De pôr tudo e muito em pouca
Coisa, é o que nos dá relevo.

– Cristóvão, se assim me atrevo
A fugir de tuas mãos,
É que, em meu corpo, esse intento
De deixar que a vida nos pegue,
Expressa o afinco de um vento
Em dobrar a sua guisa
Até o mais rijo penedo;
Bem se mede às tempestades,
Sempre, esse arbusto pequeno,
Quanto mais se mostra miúdo!

– Marcela, aos olhos do vulgo,
Que a tudo se acerca e fere
Com o mais acerbo e o mais duro,
É melhor, confesso, o ocaso
De um Sol que sabe, na luz, o
Todo seu bem mascarar.
Mas dói, ah! dói, o seu muito
O tanto de pôr distância
Do nada que sou, e o tudo
Que entrevejo em ti inteira!

– É que a vida, moço, é meia
Ou nada quase, é migalha
Do tanto que ela alardeia,
Quando tenho de enfrentar
O afã de ver-te, oh miséria!,
Tão perto e tão ao alcance,
Sem que canse tal inédia!
E pôr nos olhos compridos
Uma árdua e certa pungência
Que ao menos nos laça e fia...
– Se a tanto, Marcela, o dia
E a noite que o segue bastem
No acomodar a desdita
Que a nós, dois, toca e agrava!
Se há amor, e quem o diga,
É sempre no fundo esconso,
É já nessa casa ínfima
Que erguemos em tal silêncio
De gestos que só ensinam
Quem, como nós, se enevoa!
– E assim, no furtar-se toda
Aos olhos outros, se enfeita
De ademanes, essa nossa
Vida, que segue sem ser
Dos demais certa e notória.
Para que, mesmo, contar
Com um aplauso, que só mostra
As afetadas maneiras?!
Não! É que esse nosso amor a
Todos foge, e mais viceja!

* * *

*Spencer & Katherine,
ou pequena fofoca poética*

De onde a ordem, que põem no avesso,
Fazendo que seja onde nem há,
Fingindo-se tudo em casual,
O simples traço de mero enredo?!

De onde o atrair, de onde o vício
Do que foi sem ser e sempre o é?!
Daí, então, que se fez mister
Guardar tal segredo em bom escritório...

Se conta então ter havido uns dias
Sem busca, sem cor, nem gás ou prêmio.
Tempos cerzidos desse silêncio
De vasos que, lá esquecidos, mirram.

Contam que os dois vinham se encontrar,
Buscando desvãos, e escadarias,
Deixando, “aos cuidados”, recados nas soleiras,
Marcas nos passeios, suspiros nos sofás.

É assim que, passados uns quarenta
Anos, tirados de outros convívios,
Cada qual no seu lado, os dois com seu alívio,
O casal decidiu findar com a cantilena.

Tornado estável o que estava em cena,
Restaurada a lei dura e iníqua,
Só fizeram sulcar um ponto meio vírgula
Na frase mais extensa dita no cinema.

DOS AMORES ROTINEIROS

Amor – e quem lhe dá essa pátina,
Pouco é o que sabe, ou aprende em pele,
Que logo então se converte em lágrima
O que no dar-se início era bem e
Um brilho havia se impondo a cada
Um dos dois. E agora, então, que eles
Perderam esse esplendor, sem lástima
Alguma! Em que apenas já se esquecem
Do que foi; e terá sido a raiva
Do viver, essa gana que mete
Pés por mãos e a todos dá a faina
De amor delir, feito fosse blefe...

Tinha aqueles ares à Robert Taylor,
Meu pai: punha esmero no verdejar
De olhos e no mostrar-se sempre sério.
E muito e tanto, que até foi capaz
De desverter-se o verde, pelo assédio
Da exaustão, do uso, e que sempre há
De dar seu deslustro a qualquer império
(Quanto mais a essa empreita que só faz
Pôr ruga e regra cujo só critério
É tornar a dois o que um só não é mais)!

E ela era a só tentada agonia
Que a vida empalece. Minha mãe,
Pelo que vi, sei hoje, trazia
Em si a muda revolta, o fito
De ser menos, sempre essa porfia
De dar-se esperando o nulo troco,
Que nada mais de nada, insistia
Ela, se pode então esperar:
Sestro de mau jeito a usar a vida,
Feito fosse amor o nó e o não!

Ainda ponho os olhos, distantes
Esses meus, na amarelada foto.
Os anos foram sem mercê diante
Daquele casal que já o viço
Arrefecia. E o agror bastante
Entremetia seus rasos dedos
Nesse olhar soslaido da mãe
Ao pai olhando sem ver de fato.
E faziam a devida pose, antes
Que os surpreendesse o muito cansaço.

Mas trazia ela o todo branco
Vestido, a competente grinalda,
O véu tão bem composto. Se a tanto
Ainda se atrevessem!... Mas só fazem
A pose estudada, pois pagando
A foto, estavam, mas com essa pena
Do dispêndio que, ano após ano
Vão botando em conta alheia a si.
Só fazem dizer: é o cotidiano,
É assim, que a todos arrasa e enrija!

Ele trazia dessas gravatas
Estreitas, terno afilado e o fato
É que se vestia dele. E a cada
Vez que hoje olho, e vejo, essa foto,
Nada mais enxergo que a cansada
Vida que no antecipo levavam
Já: reparo que estão na escada
Sem gente a segurar com eles o ardor,
O peso e a durez, que na sua data
De sponsório iniciavam o roê-los.

Mas o duro que dói e a eles dana:
Sempre volta essa imagem, inteira
Repetida em silêncio e a cada
Bem pequena ocasião. É, no mínimo
Dos seus gestos rever a calada
Agonia que ao par já deslustra
E insinua na foto o que é jaça,
Ouropel de mesmice e de acanho.
É saber que revém e não se cansa
Esse ocaso p'los anos afora.

E dirão, eles dois, é da alçada
Dessa vida um embuste tão certo?!
O que a nós já restou é essa adaga
Que nos corta, de um golpe, o frescor,
E o que dá, se não é mais umas tantas
Ilusões de que é arteiro o destino?!
Mas que vida, que embuste, que nada!,
Eles dois nem percebem que é deles
O tecer dentro em si essa farsa,
O apegar-se ao cinzento da foto.

Anos mais, bem depois, em outra data,
Se celebram umas bodas e o filme
Que os espreita bem dentro da máquina
Tem uma só substância e trejeitos.
São imagens que, novas, se embaçam
Já ao contato da vida. Não há jeito:
É que a eles os une a desgraça
De se verem na foto, ou no filme,
E não olharem um ao outro na cara.
E isso é o tudo que tenham aprendido!

* * *

Mickey'n'Minnie
, ou labirinto das engrenagens do mundo

“αα0	θ€μψ”,	αψα0θ€μ	·	ψ€	θ 2 α	€α
ψμαψ	ψ υβ ταψ	√€ψΗαφά αψ	·	√αψΗαφ0μψ0,	ασημ€ψ€	αμλθ0,
θ0μφ0	0 λαθ0	√ά		λαψφ α	Γ0ψ0	€α
ψ ,	ψ0Γψ0	€α		ψ λα.	€	β€α
α	λ€ψψ€	λψταλψ€		√€ 0	ά	ψ0λα
ψ0θα	√ θα	€ψβαψ-αθα		λ€ψψαψ	Γ€ ααψ,	σημ€
α	€ψ€ψ	θ0 ψ		ψ Γ0μ	ψμθ0	√ά
θ€θ0 ψ,	βαψα	ψ€αβψ€€	·	ψ0θ0ψ	θ0 ψ	αβαψταθ0ψ
ψά0	θ€	ψ	·	β€α	βαψψ θ0ψ	λ0
σημ€	√ά	ψ€	,	€λφαψα√αα.	αψα0θ€μ	α
θ 2€Γ	“αα0	θ€μψ”	,	€α	λ ψψ	ψ α

θ€α0Γ€|

λ ψψ0	ψμθ0,	€Γα		0	σημαψ€,	€Γα
αβαψψ€	θ€	0μψα		αψψ€,	βαψψ€	σημ€
ψ€	€ψφ0λθ α	λμψ ψ α		ψ0ψα	€	ψ0θα
ψ ψ	α βαψψα	σημ€		λ0	Γ ψφ0	θ€
ψ€	αααψ	Γ€ψμδα√α		βαψα	θ€λψψ0,	α€λψ0
€€χαψ0,	€ψψ€	ψαψψ0		ψαψ	ψ€φμψα	λμλψα
ψ0	α	α€θ θα	·	φ0α0	θ ψ	€ψψα
√ θα	ψά0	βαλψαψ		ψ0θα	€χαλβμ€.	€
αψα0θ€μ	α	β Γ ταΓ		“αα0	θ€μψ”	αα ψ
σημ€	ψ€μψ	ψ€βμ θ0Γ€ψ	,	αα ψ	σημ€	€μ
α€ψα0	θ0ψψ0	√€Γ	·	ααψ	0ψ	θ0 ψ...

දුම2,	ෆ€	ෆ0ෆ	,	උා	ෆෆෆ ෆ-ෆ€	ෆෆ0ෆ€ෆෆ€
ෆ0 ෆ	ෆෆ€	ෆ		ෆ€ෆෆ€	ෆ€ෆෆ€ෆෆෆ 0ෆ-ෆ€	ෆ€
ෆෆෆෆෆෆෆ	ෆ€ෆෆෆෆ	ෆ€ෆෆෆ0	.	ෆ€	ෆෆ	ෆ0
ෆෆ€	ෆ€ ෆෆ,	ෆ060		ෆ0 ෆ	ෆ€	ෆ0ෆ ෆෆෆ ෆෆ
€,	ෆ€ෆ0 ෆ,	ෆෆෆ0ෆ		ෆෆ ෆ	ෆ€	ෆ 2ෆෆ ෆෆ.
“E	ෆ	ෆෆ2?”		ෆ€	ෆ0	ෆ ෆ0,
ෆ ෆෆ0	ෆ€ෆෆ0	ෆ0		ෆ ෆ0ෆ,	ෆෆ€	0ෆ
ෆ0 ෆ,	ෆෆෆ0ෆ,	ෆ€6 ෆ0		ෆ€	ෆෆෆෆෆෆ0ෆ	ෆ0ෆෆෆෆෆ0ෆ €ෆ,
උා	ෆ€	ෆෆෆෆෆෆෆෆ		€ෆ ෆ€ෆෆ€ෆ.	උා	ෆෆ0ෆෆෆ
0	ෆෆ€	ෆ		ෆ ෆෆ	ෆෆ€ෆ ෆෆ	ෆෆ€
ෆෆෆ	ෆ€ෆෆෆ,	ෆෆ€ෆ		€ෆෆෆෆෆෆෆ:		ෆ0ෆෆෆ ෆෆ€ ෆ0ෆ,

ෆෆ-ෆ€-ෆෆ|ෆ0,

ෆෆෆ	0ෆ	ෆෆෆෆෆෆෆ		ෆ	ෆ€ෆ0 ෆ :	“ෆෆ2!”
€	“ෆෆ2!”	€		ෆෆ ෆ	“ෆෆ2!”,	ෆෆෆ
0	ෆෆෆ0	ෆ€ෆ		ෆෆ ෆෆෆ2	ෆ	ෆ60ෆ ෆ
ෆෆ€	ෆ€ෆෆ	ෆ ෆෆ		-	ෆ€ෆ€ෆ	ෆ0 ෆ
-,	ෆෆ€ෆ	€ෆෆෆ €ෆෆෆ.		ෆ€ෆෆෆ	€ෆෆෆ € ෆෆ	ෆ€ෆ ෆෆෆෆෆෆ ෆ
€ෆ	ෆෆ€	0ෆ		ෆ ෆෆ0ෆ	ෆ€ෆ	ෆෆ0ෆෆෆෆෆ,
ෆ€ෆෆ€ෆ	ෆෆෆෆෆ€ෆෆෆෆෆෆෆෆෆ			€ෆ	ෆෆෆෆෆෆෆ0ෆ,	ෆෆ
ෆ€ෆෆ€ෆ,	ෆෆෆෆෆ	ෆෆෆෆෆෆෆෆ		ෆෆෆෆෆ0	ෆ€ෆෆෆ 0	€ෆ
ෆ0 ෆ	ෆෆ ෆ	€ෆෆෆ ෆෆ		ෆෆෆ0	ෆ	ෆෆෆෆ€
ෆ ,	ෆෆෆ€ෆ	ෆෆෆෆෆ0ෆ		ෆෆ2	ෆෆ€ 0ෆ	ෆ€ෆ ෆෆ€.
ෆෆ€	ෆෆ0	ෆෆ				

DOS AMORES PRIMEIROS

Caberiam em mim todos os sustos?
E justo e tanto assim tão transtornado
Por fardo, esse, de anos que nada sabem
Tão bem, me dava a perder todo o senso...

Seria Francisca o nome, seria
A veia arisca então tornada
Súbita bravata dos meus catorze
Tão poucos anos...

Seria o quando exato e sério certo
Dia... Que o ato do soslaio se fez...
Fiz... certeza precária e frágil assim
Fosse um aí cerzido ao fio do instante!

Foi Francisca, sim, que sempre chegava
A cada dia mais cedo, e era a cada
Hora que a nada atento eu me compunha
E ensaiava usura tão mal de mim...

Mesmo foi... pego e posto por palavra
Já travada como feito recém
-nato fosse alguém só eu esse algum
Que de um seu travo fez o ponto e o verso...

Não contava, então, eu mesmo comigo!
“– Nem consigo o nada!” eu assim canhestro,
Presto dizia, impondo os muitos montes
Onde me assentava em medo e mudez.

Montes de distância em que eu me fugia
Dessa arisca... loirice – eu já lhe disse –
Mas eu quis e tal nisso fiz porfia,
Que saía mesmo palavra alguma!...

Nem gesto deslocado – eu assim via – ...
Nem ousadia menos insinuante,
Faina que diante dela me exibisse...
Nada de firme ou fácil! E eu me escondia...

Até que vi... e ousei penedo e a pena,
No medo pus cada uma das letras,
Setas desfechando, que não mais mudas
Eram... umas tantas rimas brotando
Tão minhas!... Mas que por tortos caminhos
Haveriam de chegar a escarninho
Debique, a amor tão clauso quanto exposto!
E nem foi rosto ou olhar meu mostrando,
E nem o pranto foi, que eu sovertesse,
Nada... Esse de nada era o caso e a sina...
Que menina já moça e bem mulher
Melhor se afeita a trejeitos e encantos
Que os anos tão poucos meus... Só catorze!...
E a carta que eu soube esconder, mostrada
Em mofa a cada habitante do mundo...
E eu muito xingando esse amor primeiro
– Por receio de outros vindo exigir
De mim, suas pagas de dor e custo!...

* * *

Summer of 42
quaternário, lento

Alguma vez
A sua voz
Eram só ondas... Como eram tantas!...

Como eram prontas as suas mãos!... sabiam dar bom peso ao vento, no concordar eterno ao etéreo... E lá ficavam, mesmo depois... Essas mãos dela, já pondo frestas, sem mais janelas, sem mais fechar, sem que ficasse, nesse impreciso que é um só instante, sem que restasse, no pó do tempo, mais que o desejo, a curva tonta que desenhavam as suas mãos, pondo no ar o certo afago com que aquietava minha pouca idade, fazendo igual o certo e o quase... Como eram tanto, as suas mãos!...

Dançamos juntos, os dois após ter-se evadido o mundo, e nós já nem sabíamos de chão ou teto, nem de parede, ou mesmo de ar que nos coubesse... Dançamos tanto, naquele dia, e fosse o ano, todo ele inteiro, já bem seria possível assim dançar sem gesto além dos seus me conduzindo... aonde mesmo? É de saber esse arabesco? Nunca é que não!... Nem é preciso botar compasso que meça e aprume o nosso ritmo... Ah! que era só deixar que os passos fossem saindo, cardando os fios da atenta estima que ia se erguendo, e se aprumando, enchendo a sala com a melodia que a gente ia mais aprendendo desse silêncio que ia prendendo todo universo no lá de dentro...

E vi lá fora (me ensinou ela!) algo que o Sol nem soube ver... Algo de sal, quase de vento, esse que eu vendo, antes não tinha, e nem sabia, menos queria!... Lá fora, a praia, com sua algazarra, gente que mal alcança e sente, mesmo se justo, diante ou ao lado... Lá fora a praia a cada manhã brotava indene como se fosse de novo a vez, a vez primeira, nem bem tentada, já repetida... Tantas manhãs... tintas marinhas com que pintávamos vez, voz e vista... Voz de ver, sim, o que aos dois, nós!, ficou de ofrenda, depois que a tarde veio esbater as cores todas, veio entornar rude tinteiro e assim encher com seu nanquim toda a paisagem...

Tanta paisagem... e lá ficou!...

Nem que não saiba
quem fui e quem sou,
Se volto os olhos, se meço o tempo,
Já posso ver,
Foi no verão
Em 42,
E o que, depois, veio ou virá...
nem sei eu mesmo
se haverá!

DOS AMORES QUE CONSOLAM

ESTROFE

Rude o raio de raiva e quase
Rasto de inteiro desconsolo!...
E onde... mesmo?
No dolo, já, daquela arisca
Que rima e teima, é bem Francisca
E seu séquito rente ornado
De todo lado dos desprezos
Com que alcançou a
Minha pessoa...

ANTISTROFE

Resto de coisa e gosma, a vida
Tomava e toma bem seus rumos
Urdidos tão e tantos, mal
Chegava o tempo...
Que lento e pouco
Encostava seus pós e jeitos:
Os feitos e o todo fortuito
De encontrar nem Eco ou Medusa,
Mas uma Cleusa,
E o tom ainda tão mais claro
E mesmo digo
O raro e certo que arma acasos
E o seu sentido...

EPODO

Menina, seu sorriso era o quê
Liga casa a caso... e a vida vem e
Atiça e submete o que era dor
Antiga à nossa ávida vontade,
E mesmo a mínima das coisas
Valia já seu peso e seu ouro.
Crianças? Éramos todos dois!...
Sabia-se um nada dessas burlas
De arrelia, de arremedo, ou umas
Tricas de nunca à-vera, mas sempre
À-brinca, povoados de certas
Legítimas levezas, casal
Descobria, então, mesmo que o éramos,
Na malícia de esconder sisudo
Em risa tão fácil quanto o muro
Caía com toda a sua sombra
Sobre nós. E o saber do futuro
Permanecia tão só assunto
De adivinha torta e bem molesta.
Na risca e triz do viver, o nosso,
Duas crianças éramos, dois
Alunos em férias, nessas sérias
Tarefas, a de aquietar água
Em cacimba, buscar o enrosco
De mão em dedo, de olhar bem posto
Em vista... Ah, e nem sei de Francisca
Mais, nenhuma nada não, que a Cleusa
Fazia o me sentir belo e todo,
E nem dizia as palavras meras,
Magia que punha força e tento
No alento de me dar sua beleza...

Sua beleza que ela então me dava
Sem prazo ou conta, sem jeito ou eira,
Isso que se esquece no comum
Das gentes, nesses silentes gestos
Com que se apaga o resto da infância...
Quando não há uma, como Cleusa,
Menina tão leve que ainda agora
Deve de estar – mesmo uma senhora –,
Amendo algum menino, feito ela
Bem traquina, bem perto... e de mais...

* * *

Tim Maia

“Já se foi a moça?” perguntava a voz
Solta nesse rádio, tão rouca, sem vez.

“Por que você foi?”, insistia em nós...
Nada sei de mais, nem de menos sei!

E seguia o rádio, “Mais tristezas só
Vêm e vão, viver...” Essa é a dura lei.

“Nem houve um adeus!...” para a pena e a dor,
“E a soidão se achega, p’ra todos vocês!”

“Que futuro há?”, mínimo ou maior,
Pode haver assim, mês depois de mês?!

E “eu gostava tanto disso, desse amor”...
Insiste esse rádio, no mesmo rondó:

DOS AMORES AMIGOS

*Quanto cabe de tanto em mim e
Antes que acabe a sanha, e o sonho
Presto ou tardo em nada se vire?*

Havia trens, e Lua tão
Imensa!... e sempre aquela mesma
Insone algaravia, surda
Ao que falávamos os dois
(Depois; antes era a estação
E sua gente, essa coorte
Ocupada apenas dos passos
Próprios, da pouca ou muita sorte;
Gente já atrasada no encontro
Consigo; essa gente então pondo
Pouco de nada mais no mesmo;
Gente chegando e já partindo;
Início e fim feito esses gestos
De idêntica feição, fatura
Que a todos quase vem como uma
Teia de rudes rasgos, linha
Tão saliente quanto é fina,
E com ela assim iam fazendo
A costura incerta, o esquecer-se
De si, dos outros esconder e
Cara e nome e casa, e o que pode
Dar trela e azo, o algum vezo
De fala e o que mais aí vem!...
Mas chega, sempre, a hora e o trem
– Estávamos na estação eu

Dizia – e o trem quando chega é o
Povo todo estranhando o corpo
E já trazendo pressas e modos
E meias-maneiras tão bruscas...
E nós, os dois, que ainda alguma
Distância mantínhamos, olhos
Que já buscavam então o como
Embarcar... mas eis que sentamos
Onde a vida enfeitou, um canto
Em que havia um qualquer pedaço
Tão diminuto quanto máximo...)
E o trem se entestava por beiras
E maneiras todas tão lentas;
E os dois, nós, a botar conversas,
A pensar querendo com as mãos...
E eu lembro sempre do batom
Carmim, fazendo seus trejeitos
De róseo, descambando assim
P’ra algum violeta espelhado
Na paisagem, que bem lá fora
Na viagem seguia; e o trem
Era como um súbito súdito
Da Lua. Sim, que havia Lua,
U’a Lua espetada no céu,
– Uma espevitada babel
De reflexos se exibindo
Larmejantes. E o trem se indo,
Se indo e foi, fazendo séquito
À Lua, dizendo-se célio
E sério, bordejando serras,
Gastando planuras, e aquelas
Marcas do batom carmesim

Tramando assim os tantos jeitos,
E o estreito dos bancos e o estrépito
Dos outros e a altura tão longe
Da Lua esquecida de onde
Estávamos, que rodopiava
A Lua já fora de nós,
Que, dois, a sós, se descobriam
Modos de dar as mãos: foi susto
Do apito! ou foi justo esse átimo
Entre seja o que for e o beijo
Mágico!...

* * *

“Brinquedo de papel machê”

E eu que era novo e que era quase tolo,
Já quase desistente de mais vida,
Não fui achar um amor, âncora mínima,
Que aos poucos me deu voz e me deu sonho?!

E, tão aos poucos como veio, foi?!
Talvez... Mas não! Que a ele o cotidiano
Não teve como desbotar os panos,
Botar arrufos duros entre os dois!

Foi como uma escultura de papel,
Assim, a coisa mais frágil de haver,
Que, depois de pronta, sem mais porquês,
Volta à massa informe de onde nasceu.

Mas não esse amor, não esse, assim não!
Em cada cor sua que desbotava,
Pronta uma outra surgia renovada,
Brilhando em seus matizes, mais e tanto!

Não houve sol que pudesse apagar
Essa chama – outro brilho foi ganhando,
Devagar, como um delicado encanto,
Que vai desbotando tudo que há,

Esmaecendo a matéria tão bruta,
Aliviando todo o peso de tudo,
Botando em nós esse tom tão translúcido,
Que a amor não dana tempo ou sina alguma!

Uma escultura de papel machê
Que, por demais de frágil e repentina,
Aprendeu como colocar-se acima
Do tempo, que a tudo quer fenecer...

O DURO APRENDIZADO DA CARNE

Branco e preto – era, sobre o branco, o preto...
 O leitoso estofo da pele, o alento
 Do alabastro incendiando escuridões
 De cabelos pretos... os pretos cabelos
 – Uns longos cachos de caos contornando
 Algo da tez, alguma redondez... o
 Seu silêncio preparando borrascas...
 E o ocaso de mim e sina, com que eu
 Respondia assim, com essa espevitada
 Timidez que sabia, tão lento,
 Exibir apenas. E ela seguia,
 Passo a passo rabiscando desenhos
 No chão enquanto alçava-se no além
 De mim, pondo ponto e tanto de medo
 Em mim, e o que vinha era feito um sal
 De sol e de sede, algo como um repto
 Berrado na praia e ornado em areias
 De onde ela vinha... Mar e sal, o mesmo
 Ácido sabor de sal e mar... Selma...

E toda essa grei de divas e deusas
 De velhos filmes, ficava a rondar
 Seus passos todos: botava languices
 De Greta Garbo ou de Deborah Kerr,
 No exato do quando e quanto os seus olhos
 Dobres, a meio parados e já
 Se movendo um tanto de nada assim...
 Surpreendia com trejeitos de andar
 De Marilyn Monroe, só se roçando
 De leve, muito, no tapete, mal

Deixando a trilha de rastros dos pés...
Ataviava-se então de infrene e lá
Dava requebros de Rita Hayworth,
Indecisa ao mover-se: à frente, atrás,
Indo e vindo e ao silêncio dando estrondos...
E era a suave melancolia que há
No tom e na voz de Marlene Dietrich,
Que chegava de longe – era do mar
Que ela vinha; era ser do mar... a Selma!...

Então nos dava repelões na pele,
Feito a roupa fosse a maior ferida
E o lenitivo próprio. E era só
Ir despindo cada peça: a camisa,
Que em mim tocaiava apenas meus sustos,
Nela orquestrava a exasperação fina
Dos dois seios pequenos mal cabendo
Tanta véspera de gozo. E a distinta
Forma deles dois vinha aparecendo
– Sem corpete, era quase mesmo mínima
Essa *distância entre intenção e gesto* –,
Dando a ver os duros bicos que a linha
Do tecido tumescia ao raspar,
No que os botões e as casas se abriam;
Depois, braços erguidos, imponentes,
Ao alto lançando mãos e a barriga
Surgia, branca, intocada antes sempre,
Ornada por filigranas – rendinha
De azuis das veias se enroscando aos pelos
Mui finos, mal visível seda –. E assim a
Pele se ataviava desses crespos
Que é só mesmo mote de muita vida.

E as roupas desciam roucas ao chão
 E nesse instante, então, de baixo a cima,
 Tudo como que parava, e era o mundo
 A escutar, ofego, como uma encíclica:
Deixai tombar, por terra, os paramentos,
Que às saias siga cedo a peça íntima;
Deixai revelar aos olhos do amante
A densa pelagem preta retinta;
Sentai, sentai por terra, ou em sua cama,
Pouco importa, se o seu homem se inclina
E, astuto, arquiteta modos de abrir
Vossas pernas, empurrando, gentil as
Vossas costas, para que nada impeça
O meter-se ele todo na vagina,
Seja com os lábios seus titilando
Os vossos, e o grelo inteiro mordiscam,
Seja nessa caminhada tão ávida
Da língua, de baixo a alto da virilha,
Revelando sabores insuspeitos
E olores que a tudo enlevam e instigam.
Deixai cair vosso corpo, deixai
Aberta à sorte e a vosso macho a sina
E o senso, abri toda inteira essa vulva,
Que a doce morte fugaz se avizinha!

Mas não ouvia, não ouviu um nada,
 A Selma, só dando, de seu, migalhas
 De atenção ao que, de mim, já nem via:
 Isso que subia às fauces, lascívia
 Pondo empenhos a lambar-nos os dois,
 Achaques bambos de sem ser já foi
 Se acomodando a rastejados beijos

Que eu a ela adereçava, perfeitos
Na espreita de suor e sal, tão dela!
E beijos que ela nem queria, certa
Já de não ter eu o jeito e o traquejo;
Que mais: era a minha pose, decerto,
Falseio a esconder insabidades
Tamanhas! Léus nem lereias... Idade
Pouca, a minha, sem peso de pender-se
À sua. Puro pueril, moleque
Sem siso ou senso, moleque só grande,
Que era, na audácia de fugir à mãe!

Aliás, Sigourney Weaver

Caem uma a uma as
Peças... a primeira
Cai, e a sala escura
Muito se incendeia,
No exhibir-se a alvura
Do dorso, essa meia-
cor, que é mais, é luz a
Prurir a matéria,
É quase a alcunha
De massa e inércia,
Rabiscando alguma
Cicatriz inédita
Que o meu corpo exsuda.

Outra agora cai,
Sem que, ao menos, possa
Defender a idade
Pouca, a minha. E a moça
Segue e um dia há-de
Desnudar-se toda
E, até, mais tarde,
Aumentando a soma,
Despir as cidades,
Desnuar pelas pontas
Os países, mais
Qualquer astro à-toa
E, sem que se acabe,
Dispa a vida toda.

É que ela não sabe
– Antes nem depois –
Que, na espreita, há males,
Monstros, aleijões;
Que é todo esse alarde
Ao revés que foi
– justo o mais suave –
Dar seu fio à foice...

E todos ficamos,
Ao pavor, tão rentes:
Que o desejo é tanto
Quanto a morte invente!...

DOS AMORES INDEVIDOS

No derrear-se o corpo, a razão mente,
E mais, camufla-se até, despreza a paga
Que ao tempo se deve – esse certo custo
Que cresce e monta e impõe a nós a pena,
Que, em nosso rosto, rabisca seu traço
E acerta as contas entre o externo e o íntimo.

E não é que minhas forças íntimo
A fingir seja igual a carne à mente?!
Pego a mão mais jovem; por ela, traço
A falsa aresta, o esboço que nem paga
O débito em que todo corpo pena
E em que os dias só crescem o custo!

É o que me afirmam todos, mas eu custo
A aceitar; a idade escondo no íntimo...
A juventude está ao alcance e é pena
Não iludir-me assim, e quem não mente
A si e toma da outra o que nem paga
O tempo decorrido com seu traço?!

Daí o renascer falso que eu traço
Em mim: tomo dela, sem ver o custo,
Os anos poucos... Não penso na paga
Que me virá impor-se desde o íntimo:
Evidente, a pele acusa o que a mente
Recusa – a fatalidade da pena.

Mas que é glória, sim, não pegar-me em pena
De mim! Querer ver no meu rosto o traço
Da jovem, mesmo sabendo que mente
A vontade minha!... Até a esse custo,
Afronto a distância dela, e meu íntimo
Atavio com o que é sem preço ou paga!

Mas a amarga certeza ainda paga,
Um dia, o ousar esquivar-me a tal pena...
Por mim mesmo nenhum respeito íntimo
Mais. Do que eu queria nem resta traço
Algum e se insisto, se tardo e custo
No logro, é só artimanha da mente.

Pois mente a mim minha mente e, se há paga
De tal e tanto custo, não é pena
Com que traço essa dor, de fora ao íntimo!...

Lisa e nada escura, essa firme
Cintura, esvaza a chama sua
Em uns róseos cetins; com pólens
Recamam os seus dois aljôfares:
Os nascentes seios, donaires
Com tais e frementes anseios,
Arquejando ao concerto vivo
Que o íntimo universo exala.
E, ainda, cala, a algaravia
Que, por certo, já se esvaía
No tocar essa pele exata
– Pela tênue ramagem clara:
Pelos e fios tão turvilíneos,
Quanto o rir-se bem desbragada
A cada surpresa –. A menina
Rápida imagina um enredo
Em que tarde, ou melhor, mais cedo,
A mulher que nela já arde
Enreda e surpreende, no velho,
Criança que ele havia esquecido.

Anjo caído, ou hecatombe
Que então se impõe à razão toda;
Meia-verdade que traduz
A luz que falta à meia-idade,
Fazendo ser o parecer
Fatalidade; e encena uns gestos

Que, sendo belos ornamentos
 Do quase-nu mostrado indene,
 Mais e melhor bem envenene
 A sensatez sisuda e lassa.
 E sua nudez se vai armando
 De quando em quando deixa ver
 Uma nesga de pele clara
 Que não acaba nem se esconde.
 De onde, então, já pode envolver
 A teia estendida no vácuo
 – Árduo e belo artifício que ela
 Aninha no ventre tão liso –.

E desdobra a doce ameixinha,
 Pouco coberta pela idade:
 Uns riscos negros com que pinta,
 Por cima, o que, com vagar, há-de
 Ela mostrar tão sorradeira:
 As coxas se abrindo em penugens,
 Mais virgens que uma vez primeira,
 Mas inúteis, como custódia,
 Que a joia que ela aí carrega,
 Só entrega seu vero valor,
 Quando aberta, exposta, e o olor
 Que incensa a inteira santidade
 Sua, é o acre sabor da carne
 Que arme a perene liturgia:
 Escrínio que ela acaricia,
 Preparando-o a ser venerado,
 Tocado, mordido, beijado,
 Felado, fendido, fincado,
 Espremido e bem penetrado,

Achincalhado e aspergido
Dos gozos, que, se a bem maculam,
Trazem no detrás do revés
A voz que ensina e mais se impõe:
Sois a bendita entre as mulheres...

DOS AMORES LIGEIOS

Esmirna, minha vontade,
Quando o teu corpo se abre,
Quando tua voz já me arde,
Sempre se dobra e se esbate.
Começamos em conversa
Dúbia, em que tudo o que nela
Está, parece janela
Bem te emoldurando inteira.
São horas em que os teus olhos
Vêm à flor da luz, com modos
De brilhar. E eu que me mostro
Como sou, já desde o rosto,
Faço esquecermos lá fora
(a cidade que dessora
sua pouquidão, que esgota
outras tantas todas moças
que não têm nome de Esmirna!
Mesmo é feito quase esquina
sem rua, vila assassina
de sonhos, vidas e sinas;
cidade vetusta e feia
que quer e se assenhoreia
das pessoas, e à areia
do tempo torna comédia).
Mas Esmirna foge ao mesmo,
Transtorna as regras, e o medo
Com que a ameaçam, com um dedo,
Põe por terra. O seu segredo?
Não há! Ou antes, seria

O prazer de estirpe fina
 Ao corpo dado; é a magia
 Que impõe-se ela, então; vestida
 Há pouco, agora desnuda-
 se toda, e até desarruma
 A camisa, pede a ajuda
 Minha – inútil, pois, nenhuma
 Força é então mais necessária –.
 E fora do carro as várias
 Pessoas que, aí, há e as
 Outras todas que, de hetaira,
 A tratam, vêm e a ordenam
 Ao fogo, à peste, à Geena.
 Mas Esmirna, sempre a mesma,
 De si tendo a boa certeza,
 Nem lérias, fátuos, façanhas,
 Deixa que turvem a tamanha
 Delícia que, nela, é tanta
 Vontade e prazer; não adianta
 O olhar duro que condena,
 Diante da moça que, imensa,
 O gozo torna mais bela
 E maior; e a cidade, ela,
 Só faz mesmo repetir:
 “Esmirna... escárnio! Imorais!”
 Ao que ela responde assim:

 Com o uivo que o gozo traz!

* * *

Je t'aime... moi non plus!...

Nem eu, nunca eunuco eu não...
Mas mesmo molhando as mãos,
Até o torpor todo ter
Dado adeus depois do dia
Findo, e ficando a flor fina
Que a só semente sedenta
Jogada ao jirau a jeito
Embebe os belos hábitos
De que as vestais vêm vestidas!...
Não me deixem assim tão solo!

Garridas de Tessalônica,
Harmônicas lindas moças,
A nossos – seus! – palacetes,
Estes que eu tenho e que eu tive,
Vinde, vós, ver a vertigem
Que acomete a todo humano
A quem por conta e por dano
Só seu se dão solitário
Prazer que é sua amaritude!
E já que a vida é tão rude,
Não me deixem assim tão solo!

E a noite insiste na nota
Só, única, bem sinistra...
Na cama, o corpo anda à roda;
A alma gagueja, perdida;
Nos lençóis os restos rotos

Da batalha mal travada
Entre um anjo todo torto
E um Jacó sem sua escada...
Por isso, moças do dia,
Estendam à noite o domínio
Que tendes, que me alumia.
E não olvidem o desígnio:
Não me deixem assim tão solo!

DOS AMORES TRAÍDOS

Algo como fosse Cila,
Caribde, a dura lida
De amor com nome: Cacilda!
Era seu nome esse, sim, a
Meiga face que assumia
Uns ares de arrepsia:
Que ela era agora Adalgisa,
Mas sempre vinha e saía
Do mundo meu, e da vida
Nossa, era ela que sumia...
Tornava vezes seguidas,
Mais moça, bem mais bonita
E madura, longilínea,
Sabendo tudo o que ensina
O tempo, e mudada em Linda,
Armando rastros de intriga
E de embuço, uma menina
Velha e, assim, muito sabida
Sabendo ela, sim, da minha
Timidez, que a ousadia
Sua dela se abstinha
De aceitar, sinal fazia
De vir, mas nunca é que vinha
De vez... Em vez, se metia
A buscar a companhia
De outro. E era então a Dalila,
Agora, essa dançarina
Que com o outro é que se anima
E baila, e a toda verrina

Se escapa e nem mesmo a mínima
Dor que pôde ver em mim a
Transtornava... E mais esgrime a
Indiferença, a ousadia
De postar-se assim exibida.
E era agora alguma Elisa
Exercendo a sua devida
Descompostura, a malícia
Tão dela, mas que eu não tinha,
Nunca tive, que era minha
A encolha, a covardia
E dela era mesmo a sina
De fazer que me atraía,
Para depois repelir a
Minha presença. Era Ecila
Então, e toda caída
Em braços não meus, em cima
De corpo todo outro, acima
De bem e mal. Mal menina
E já mulher, assassina
Da tola inocência minha...
E o que fazer de Lenira,
Que, se fazendo esquecida
De mim e até do que via,
Apenas mal se vestia
De esquivez e se fazia
Distante, lívida e fria?!...
Ah! Moça chamada Dilza,
Amada de nome Lívia,
Namorada minha Ondina,
Rita, Cristina, Larissa...

* * *

Nervos de aço

O que era para doer e mais dói
Ainda, não é essa ausência tanta
Sua, nem é ver que nada adianta
Que se faça contra o que já se foi...

Não é também o sussurrar depois
Que você passa feito uma criança
Certa, etérea, eterna, com quem anda
Em estrelas, enquanto a vida me rói!

O que me acaba e de mim faz um nada
É ver que você nem vê esse espasmo
Que aos poucos vai-se pondo em minha cara;

É saber que você sabe que eu amo,
Tanto quanto você ama e, calada,
Abraça esse outro homem a seu lado.

DA LOUCURA DISFARÇADA DE AMOR

A ver se algo fosse o que nem
Era... E só se espera já sempre
Mais o que de menos se lembre:
Como dar forma ao fio todo
Da vida?, dele torto ter
Alguma razão a entreter
Os domingos, e os dias não
Pôr em círculo bem fechado?
O que nada não ata nem fia
E 'inda havia de dar feição
Completa de circunferência
– fosse a gama dos sentimentos:
O aumento, a cama, o bom salário
(que nunca vem), o esforço hábil
Mas desútil, todo esse esboço
De sentir que nem chega ao menos
A mim e a ti... que só refregas
Mesmo fazemos – já andando
Em círculos, tirando às frases
Nossas o aprumo e seu sentido
Vero – se algum havia! – o dito
Estando aquém do que pensado
Foi... E aí então as mãos tomam
O lugar da palavra e agora
Na frase lavra o fio do tapa
E o fogo da injúria vem, queima
A última tentativa, a teima
De 'inda dar por bem-sucedido
O fugidio casamento...

E quanto mais eu hoje tento
Correr o pano e só saber
Que linha é que é essa que fecha
(tão tênue que ela é, tão quase
Invisível, mas cicatriz
Amara deixando ela, sim!),
Que fecha o círculo de estranho
Jeito, que aos gestos todos nossos
Engessa em resmas de rancores
E o único senso que, se fores
Bem ver, se torna então o imenso
Delírio, esse desequilíbrio
Íntimo a todos, mas que, em ti,
Viceja e mesmo bem mais dura
Que o tempo teu da tua loucura.

* * *

*The three faces of Eve,
ou Palíndromo todo dia*

Eve,
luz azul,
a rara arara,
a neve na
rama... o amar
somávamos...

E assim a missa é:
a sua cara causa
me soa o sem...
o nada no
só oco... os
seres,
a dívida
metem
a mal – lama! –
e matam e
eu que
o dó do
rir...
Ato idiota!
Reviver
o “me dou o demo”
só adia casa caída. Os
socos:
mãos soam!

DOS AMORES EQUIVOCADOS

Rosa e Clara seriam espelhos?!
Duas pessoas, assim, em que lesto
Algum fogo tão leve quão lento
Vai aos poucos formando dissenso,
Entre as carnes tal brancas de uma
E a tez pálida intensa da outra.
É por Clara que fiz a aventura
De olvidar o que nem se perdoa;
Só por Clara, ela só, é que eu fui a
Tal cidade, tão longe e tão pouca.
Esperava encontrá-la, esperava
Pôr uns olhos de fome e de gana
Em sua sombra, a cobrir, todo em gala,
Seu passar ante mim, numa sala...
Mas não veio, essa Clara! Quem sabe
Qual intento se esconde nas dobras
Com que a vida espicaça, com quase,
O que inteiro, e bem certo, se mostra?
Pois não veio, essa Clara, e a cidade
Parecia perder-se, medonha,
Entre corpos sem voz, sem beleza,
E sem graça, que tudo se esmera
Em pôr pouco no muito que aquela
Clara moça traria com ela...
É que o acaso traçando seus fios
De suspense, que à vida desanda,
Trouxe a mim, bem assim, eu, que fito
Me deixei lá ficar, dor tamanha
Trouxe a mim, dor espim, e abatido

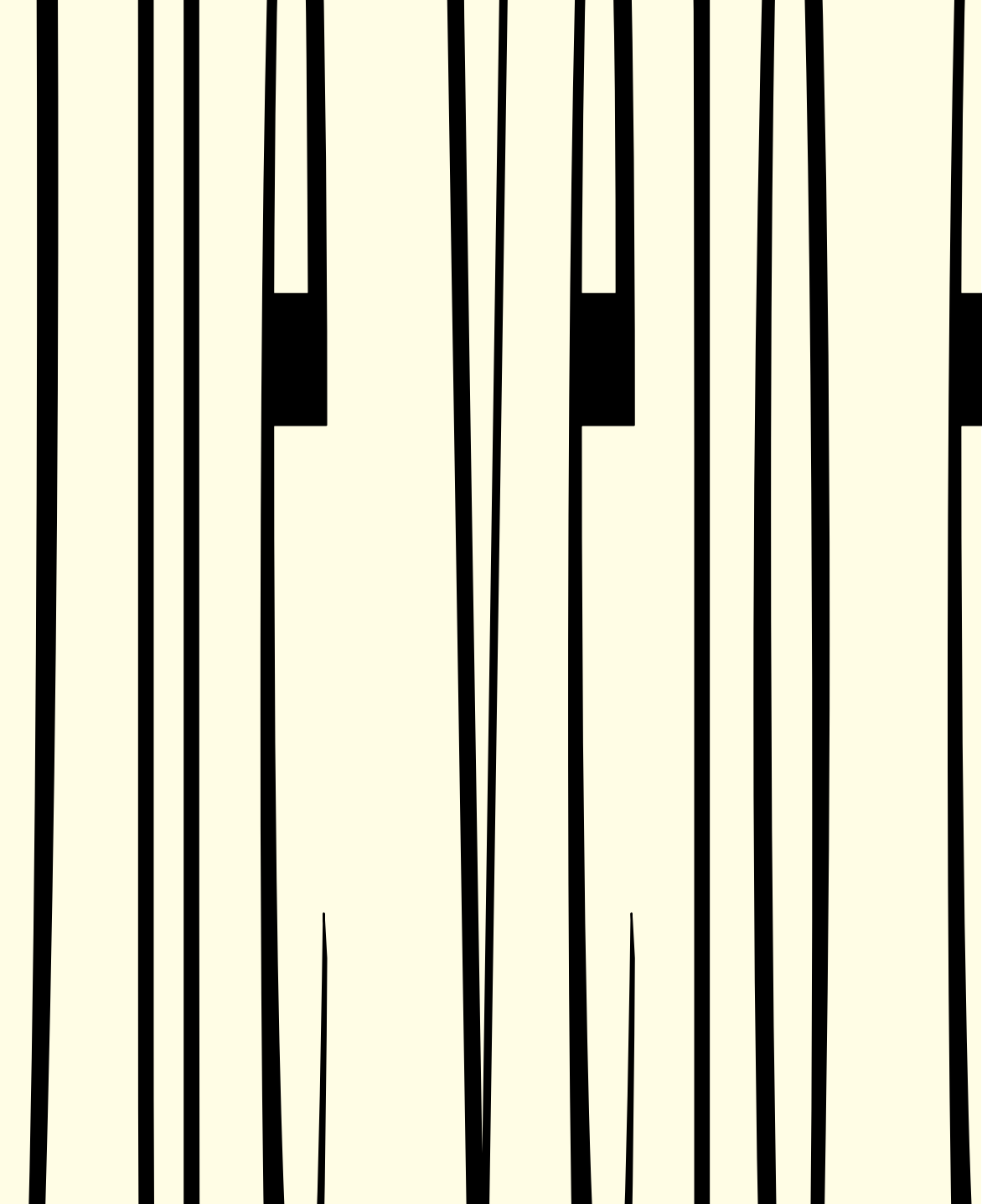
Fui às ruas, sem norte e sem faina,
Só no andar sem destino, por vício!
Mas o acaso tramando artifícios
Seus, já fez inscrever certo alívio
No percurso que, em meio ao bulício,
Eu fazia, no andar sem intuito:
Rastro líquido, susto de luz
Sobreposto ao asfalto – conúbio
Entre a chuva que diz os seus chus
E algum poste a insistir bem espúrio
Em traçar, no chão negro, um azul...
Mais adiante, um só galo, anacrônico,
Já cantava – e era hora?! –, e eufórico,
Sem saber que 'inda é cedo e, lacônico,
Por respeito e por claro propósito,
Deveria manter-se, e em silêncio.
Qual o quê! – anunciava o seu grito
Que à mazela seguia o remédio,
Que a desídia rendia-se a afinco,
Que a uma Clara, com sobras, com mérito,
Uma Rosa trocava, e por findo
Dava, então, meu esforço e meu périplo!

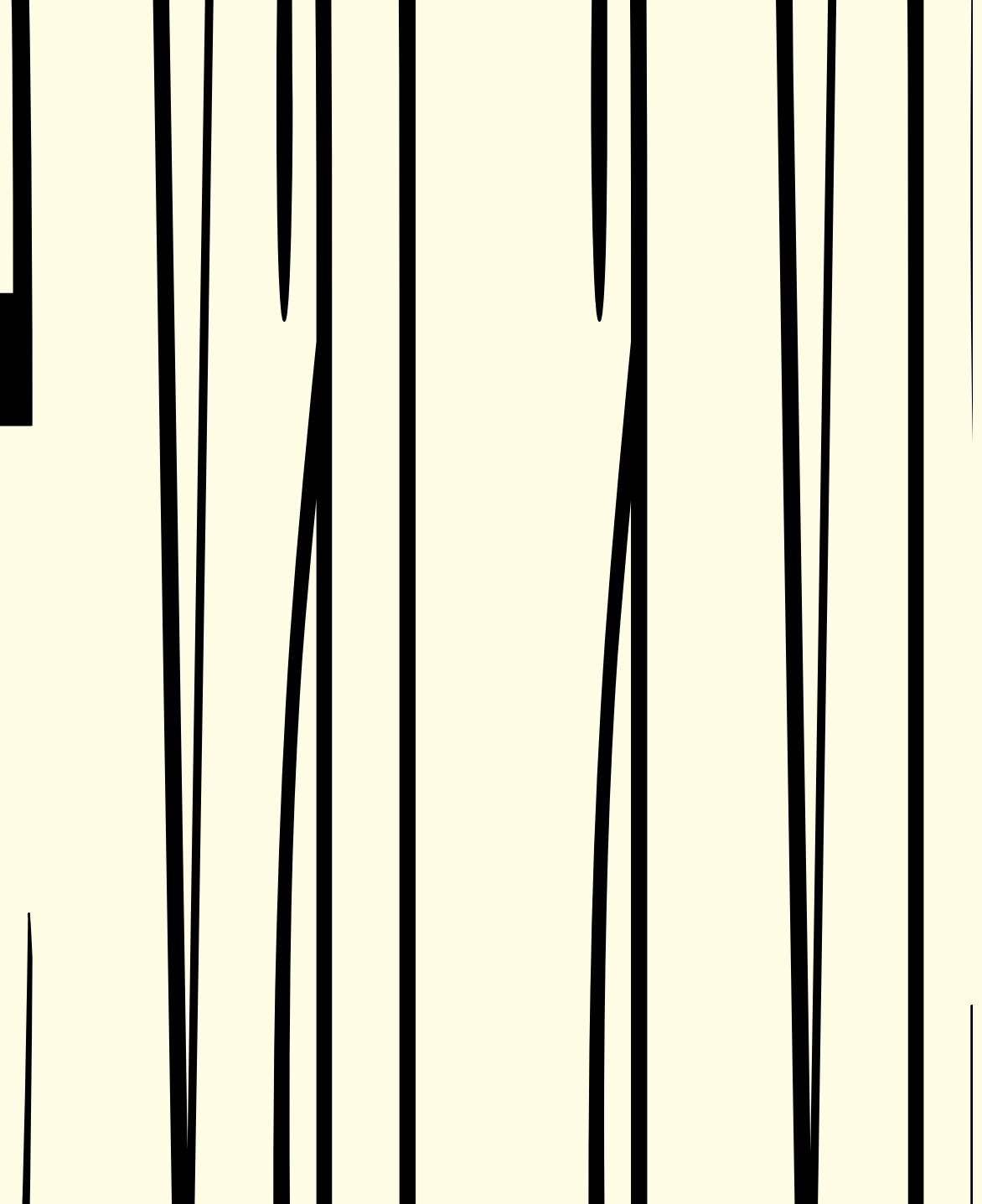
Rosa eu vi, mal senti, seu olor...
Sem dizer coisa e nada, seguimos
A andar, a dizer, mesmo por
Nossos pés, o que o som comezinho
Das conversas não alcança. E o alvor
Já do dia marcando o declínio
Da escuridão, estendia o lençol
Sobre as coisas – um curto caminho
Que, por certo, nem era 'inda amor,

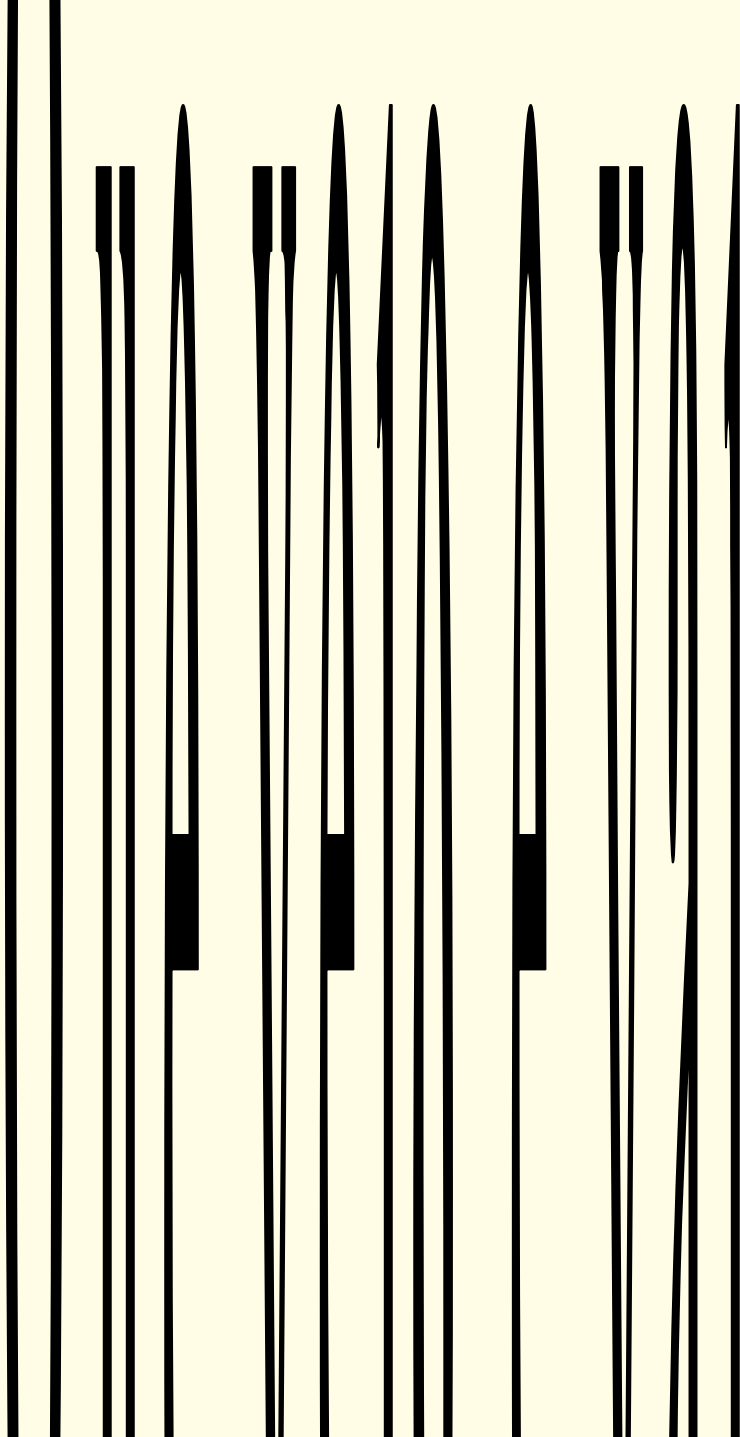
Mas que dava os seus passos num limbo,
Entre a noite que enfim se acabou
E a alvorada a meter o seu brilho
Na paisagem ansiosa por Sol,
Na paisagem que, um pouco carmim, o
Nosso dia enfeitava. E era só,
Só deixar viesse a ser o já-sido:
Eu e Rosa encontrando, no pó
Dessas ruas, o róseo infinito
Que a manhã entregava p'ra nós
Em oferenda, no céu suspenso...

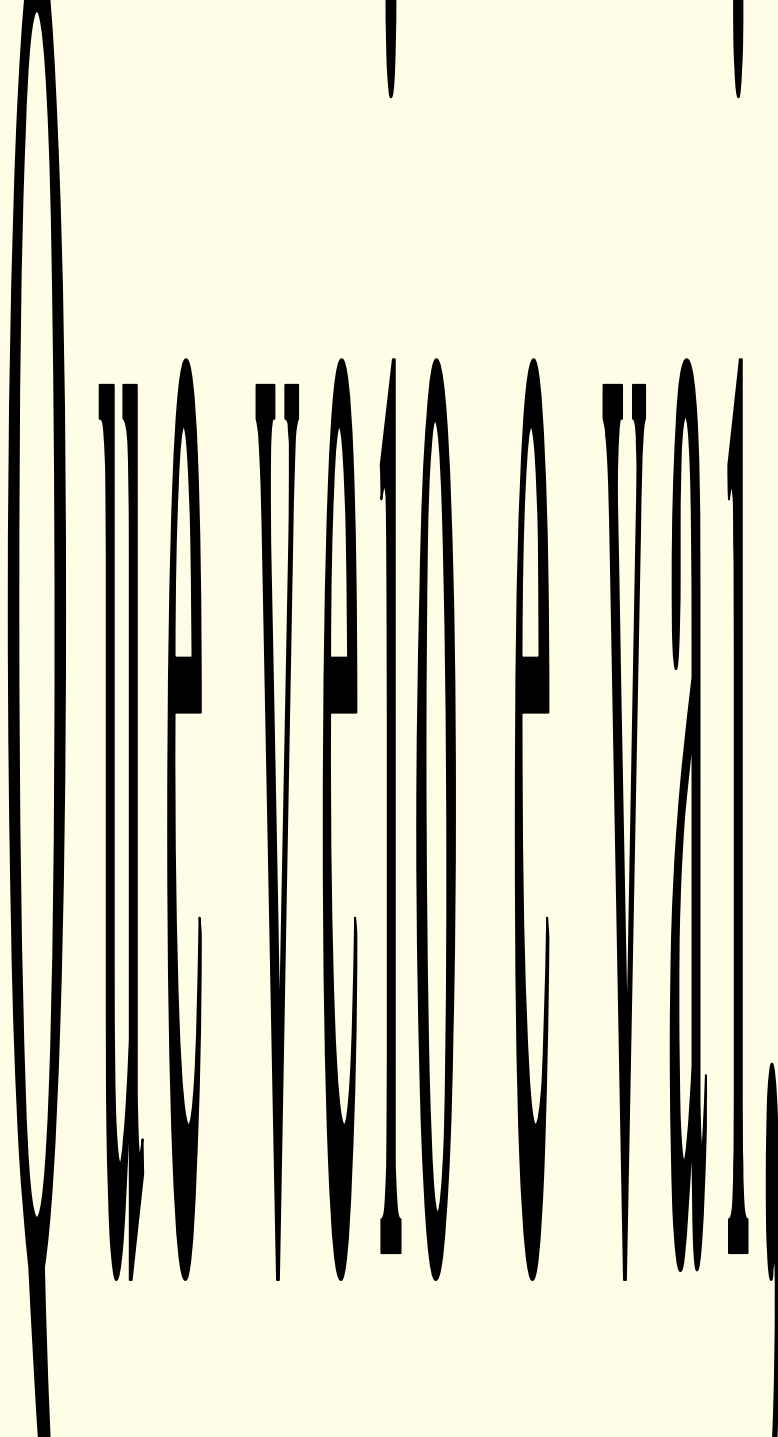
* * *

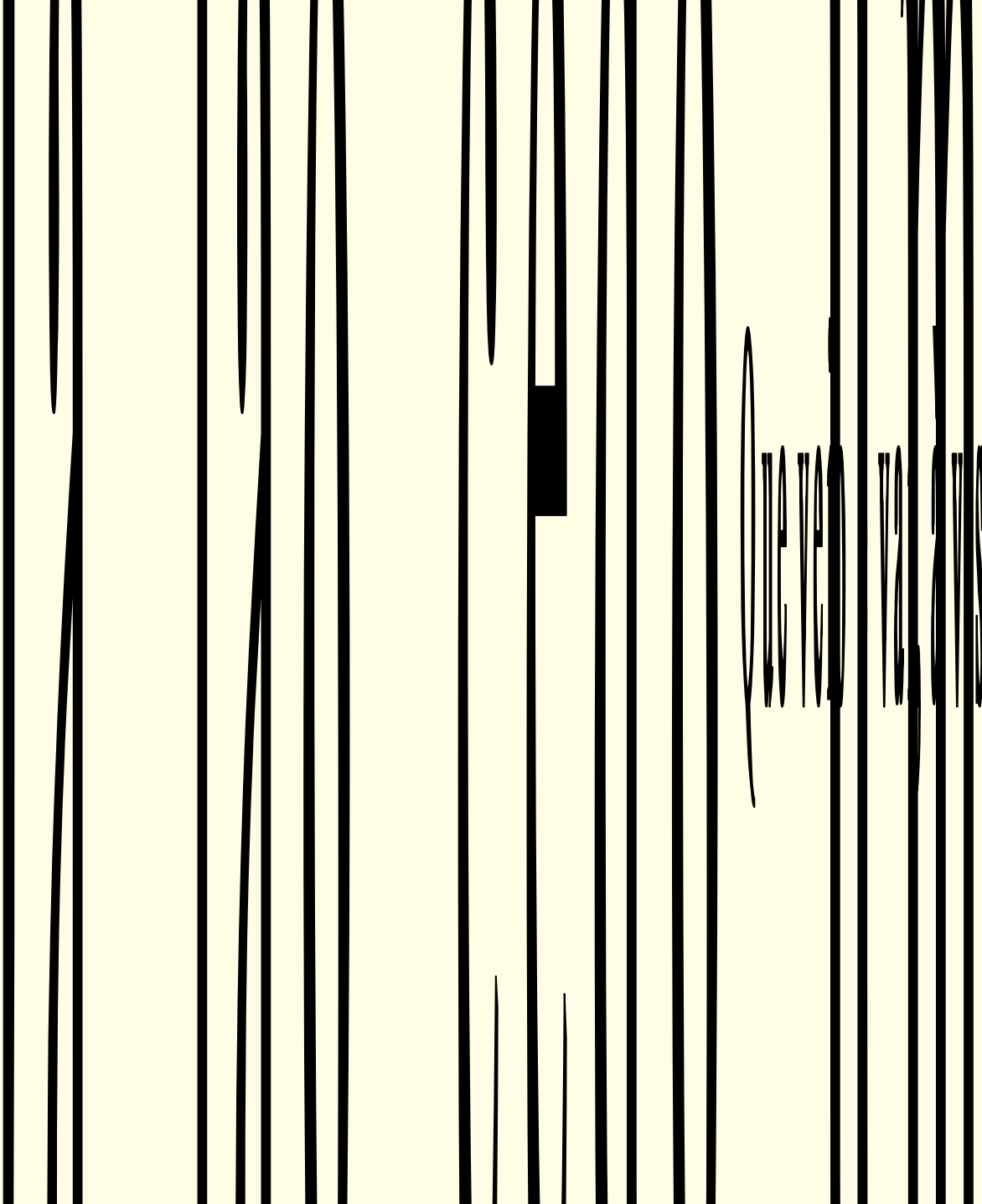
City lights

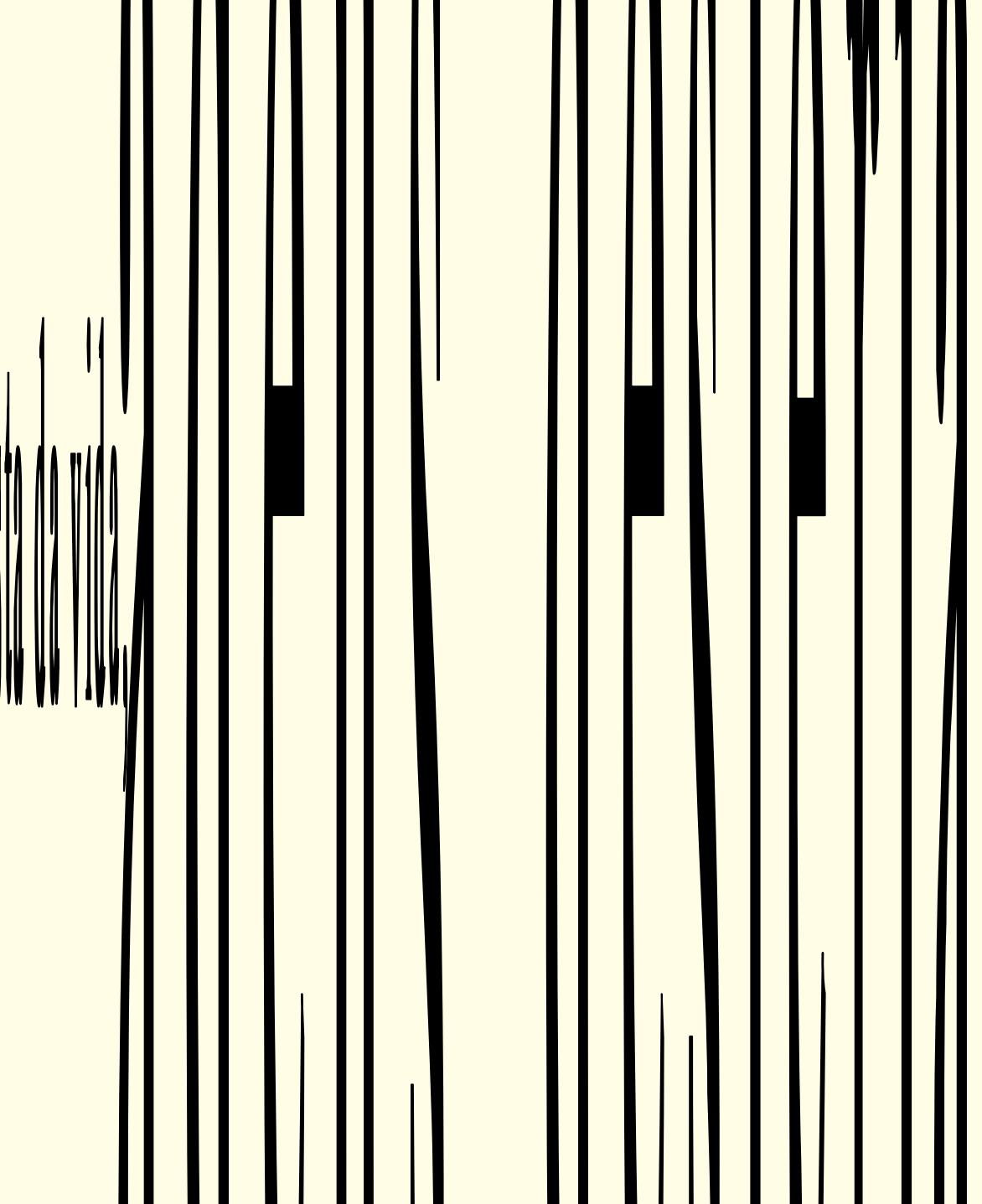


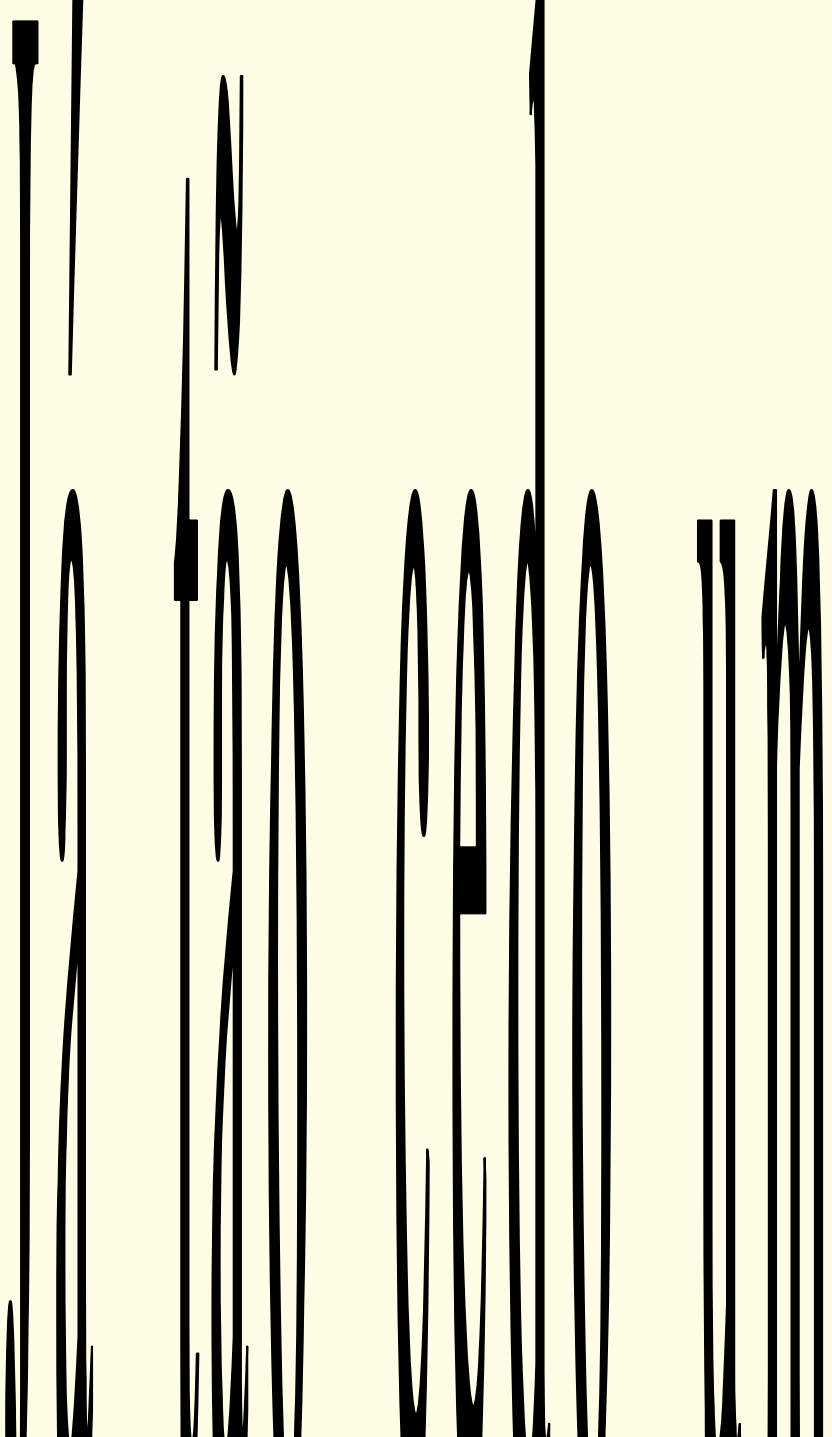












DOS AMORES FUGIDIOS*quatro movimentos*

Diane na água, se benzia
O mundo, quase só havia
O bem menor instante, e o dia
Atrasava, o tempo nem dava
Tempo, e o menos lento do mesmo
Na água nos deixava, água fria
Cortando, com sua unha mole
De água incerta e tão já amiga,
O ardor que a tudo vence e pode.
E era calor, Ave-Maria
Dos nossos dois corpos, então,
Padre-Nosso era, liturgia
Festeira, era até procissão
Das gotas caindo. E ela ria
Tão toda loira assim, e tanto
Mais uma esfregada conversa
De pele a pele, a romaria
De carnes, essas mesmas, essas
Nossas, parando já em cima
Da tona, ?!e do resto sabia,
Que mundo é que ali existia?!...

Diane se calava, nos dedos
A sua conta toda fazia
E me devolveia o que vida
Lhe havia posto e mais imposto,
O jogo de entrega, a vertigem
Cega e cega... o não ser mais virgem!...
Punha silêncios nas palavras,
Diane, em cada instante catava,
Agora, o fio de fel, o ferro
Em brasa e a marca tão sentida
Deixada por outro, esse erro
De gente, homem que ela esquecia
Por mim, de mim ela já tendo
Em si leve a vida, alforria
Tão lesta quanto essa esgrima
De toda mão nossa roçando
Pescoço, colo, braço, axila,
A branca curva dos seus seios,
Em meio de que ressurgia
A ligeirice respirada,
Os dedos se adonando os bicos
Duros, e o afogo todo, corpo
Dela arqueando no que estira-
Se toda a desnudar-se assim, a
Se entregar mesmo quase ali, a
Fazer esquecer data e dia...

?!E como mesmo é que se ensina
Ao torto o reto?! e que desdita
Eu fui buscar tão leviano,
Falto da fé definitiva
E certa, sem o pouco e o tanto
Do tecer amor?! Diane em ida
Sem vinda ainda, se apartando
Nos longes, eu já vendo quanto
De embriaguez se conseguia,
Cabia em curto copo; e minha
Estreitez de vista, o recanto
De mesa em bar, em que eu apanho
Uma primeira senhorita,
Essa mesma que nem alcanço
Ver graça ou tez, sem a mais mínima
Dose pintando-me de ebriez;
E a ela dando vez... que sina!...
Que, sim, passada a hora, o dia
Findo e, assim, a função circense,
O teatro e a cena fingida
E bem acabada, agora eu mal
Contenho o espanto, a dor, o acanho.
Torço frases que só bem lisas,
A Diane, lhe convenceriam!...

Se pôs o empenho: ela duvida
Do fugaz meu, da fugidia
Maneira, da incerta conta
Do amor que lhe fiz... Diane fia
Um colar de contas, e põe a
Mais dura delas a ferir a
Insensatez de uma só noite;
Foi-se de vez definitiva
A magia que aos dois unia
E berçava; esse encanto foi-se...
E enquanto eu ficava, ela ia,
Ela se ia, Diane, se pondo
Em suas distâncias, em outro
Ponto do orbe habitando,
Distante essa Diane que dana
O destino e transtorna a minha
Vida, essa mesma que ela, ainda,
De incerta feita, e sem menor
Dor, por certo leva e equilibra.

* * *

Lee Falk, Edward Hopper,

Não há só um passo,
Sempre outro já vem.
Nada está no acaso, o
Andar sabe bem,
Sem que o passo de ora
Ao futuro envie
O arrimo de agora
Que já não é mais firme,
Em busca de achar
Um ponto de apoio
Que esteve e não está
Atrás, e depois,
Nem mais mesmo à frente.

Toda a solitária gente
Conhece muito bem como
De pé em pé, nas tangentes
Se faz um caminho todo.

Mr. Walker põe de si
Muito pouco em evidência:
Por certo, leva ele aí,
Alguma dor que atormente: a
Saudade mais eloquente
Quanto mais ele se esforça
De esquecer, nem quer que lembrem
Seu nome... É já ou agora
Que cala, se alguém pergunta.

Mr. Walker não pode é nunca
Esquecer ainda que tente:
Nessa caminhada que é sua
Cada passo lhe lembra sempre
Que quanto mais ele se afasta,
Mais fortes ficam seus fantasmas!...

Assim é que, passo a passo, tal coisa
Vem e volta, vai e vem, 'té que pausa,
E se senta nessa mesa em que está
Mr. Walker, só, calado, em um bar.
A seu lado, alguém já bêbado diz,
Sem saber desse fantasma infeliz:
“Mas como é mesmo se chama a sua graça?”
Mr. Walker, a vontade já lassa,
Põe as mãos cobrindo o rosto e, na hora,
Afinal, muito cansado, ele chora!...

DOS AMORES DE UMA NOITE**BAILE NO MERCADÃO**

Já de longe o som,
é Carnaval... Quente qual
marca de batom!

AMBIENTE FAMILIAR

Amizade acima!...
É de ver que um de nós cede
ao outro a sua prima!

BELEZA

Ninguém mais tão negra
e bela!... E ousada como ela,
em quebrar as regras.

MATURIDADE DA MOÇA

Relógio é propício:
badalada não é mais nada
que u'a volta ao início.

VONTADE

E nem me provoque:
palavra é o que muito estraga
a intenção do toque.

SAPATEADO

E o que mais balança?
A saia leve, a cambraia,
Ou os pés na dança?

INSINUAÇÃO

E o que mais se esfrega?
Ventre, coxas, ou o quente
afã que não chega?!

FUGA

Embora p'ra casa,
vamos: é só dar as mãos.
Tesão não se atrasa!

DEPOIS; E AINDA...

Na boca esse gosto...
Na perna, um rastro de esperma;
luz colada ao rosto.

* * *

Olhos de Betty Boop

Eu não me vejo bem
 Sem que eu me veja nunca.
 Junta-se em mim cegueira
 À meia luz, se tanto!

Quanto eu me vejo, é mal...
 Sou sensual no após,
 E a sós, se me atrevi,
 Ai, a dar-me espanto!

Aqui nem sei quem sou,
 Ou, por saber no exato,
 Faço de conta e engano
 Que os panos, esses curtos,
 Nem tudo encobrem, enfim.
 É assim que quanto mais
 Atrás escondo, eu mostro
 O rosto? Os colo? Não!
 As mãos? O ventre? O púbis?
 Fui é mostrando a ti,
 O que nunca eu me dei!

Pernas de Betty Grable,
 Os seios da Mansfield;
 Tive, no fim, a dor
 Por que passou a Marilyn!
 É que você nem quer
 Saber como equilíbrio o
 Mínimo de merina
 Em cima do desejo!

Eu vejo a ti tão bem!...

DOS AMORES VENÉREOS

Conceição, que tinha brancas
Mãos; e Conceição, que tantas
Belezas tinha: não sei
Se era toda a pele clara...
Algo ficou dessa grei
De rainhas de Carrara,
É claro! Mas Conceição
Nem nome tinha bem certo:
Podia ser esse ou não,

O — O O — O O O — O O — O O O — O O — O O O —
 O O — O O O — O O O — O O O — O O O — O O O —
 O — O — O —

* * *

O O O O — O O O — O — O O O O — O O O — O —
 O O — O O O — O — O — O O O — O O O —
 O O — O — O O — O — O O — O O — O —

Mac Arthur Park

O — O O — O O O — O O — O O O — O O — O O O —

O O — O O O — O O O — O O O — O O O — O O O —
 O — O — O —

Não mais...

Nunca mais! E só torpor

é o que traz — se por alguém
 já consinto um outro amor!...

O — O O — O O — O O — O O — O O — O O — O O —

Quanto mais, passou meu tempo...

O O — O O — O — O que tento é não deixar ao
 sentimento nada igual:

O O O O — O — O — O O O — O O — O — O —
 O O — O O — O — O O — O O — O O — O O —
 O O — O — O O — O — O O — O O — O —

Até que o nome mais belo
Ficou e está até hoje:
Conceição!... em que a sua voz
Ressoa, percute, e um eco
De Santa mesmo se esconde,
Nas entredobras, no após
Do tempo que se perdeu
Do lupanar já revelho.

Macia e branca era a pele,
Então... E era a Conceição
A que acolhia os imbeles,
Ao colo os trazia, enquanto
Amortecia o receio
De serem já homens feitos...
Pousava-os nas coxas lentas
E entoava a sua cantiga
De adormecer fel e fado...
Ao lado, a sorte arrebenta;
À frente, estoura-se a vida;
Atrás, o mundo estouvado...
Mas como ter dano e perda?,
Se ao gozo antecipa o todo

O — O O — O O O — O O O — O O O — O O — O O O —
 O O — O O O — O O O — O O O — O O O — O O O —
 O — O — O —

Sentir é coisa atroz!...

O O O — O O O — O — O O O O — O O O — O —
 O O — O O O — O — O O O — O O O —
 O O — O — O O — O — O O — O —

A nós nunca resta nada além de nós:

O — O muita dor se achega, só u'as poucas vão... O O O —

Pois que então todo esse esforço inútil

O O — O rio é sim, mas flui sem norte ou sul, O O O —

O — O É se esgota e, ao fim, sem saber parar,

a mim leva e já some enfim!...

O O O — O O O — O — O O O O — O O O — O —
 O O — O O O — O — O O O — O O O —
 O O — O — O O — O — O O — O —

Não mais...

O — O Nunca mais! E só torpor O O O —

é o que traz — se por alguém

O O — O — já consinto um outro amor!... O O O —

O O O O — O — O — O O O O — O O O — O —
 O O — O O O — O — O O O — O O O —
 O O — O — O O — O — O O — O —

Cuidar do medo que medra
Da ponta dos pé ao topo
Da cabeça, do arripio
Que assaca e toma o corpo
De esboços tais combalidos,
Que gente nem mais não são,
Quanto mais... E a Conceição,
Como aos outros, recebeu
A mim, me impôs seu letargo,
Deixou-me que o corpo seu
Tocasse, que os seios largos
Me dessem abraço... Esqueceu
Até da regra de lei
Que manda e ensina a elas todas
Que apenas uma só vez
Em que a própria história conta,
Já manda e impõe seja expulsa
Da Casa, sem coisa alguma!
Abriu-me a vida, essa moça
Me disse coisa com coisa,
Enquanto eu afagava a louça
Da pele que era essa sua,
Enquanto entrava no dentro
De sua castanha escura,
Abriu-me a vida, eu, que, insenso,
Nem me dava por achado...

Fui descobrir-me de fato,
Quando já não tinha não
Nada mais de Conceição!...

O — O O — O O O — O O — O O O — O O — O O O —
 O O — O O O — O O O — O O O — O O O — O O O —
 O — O — O —

Quanto mais, passou meu tempo...

O O O O — O O que tento é não deixar ao O O — O —
 O O — O O O — sentimento nada igual! O O —
 O O — O — O O — O O — O O — O O — O —

O — O O — O O O — O O — O O O — O O — O O O —
 O O — O O O — Sentir é coisa atroz!... O O — O —
 O — O — O —

O O O O — A nós nunca resta nada além de nós: O —
 O O — muita dor se achega, só u'as poucas vão...
 O O — Pois que então todo esse esforço inútil
 — rio é sim, mas flui sem norte ou sul, — O O O —
 E se esgota e, ao fim, sem saber parar,
 O O — O O O — a mim leva e já some enfim!... — O O O —
 O — O — O —

O O O O — O O — O — O O O — O O — O —
 O O — O O O — O O — O O O — O O — O —
 O O — O — O — O — O — O O — O — O —

**segunda parte –
lirismos antigos**

OUTRO SONETO BARROCO

Em cada fúria, Tétis, larga calma
Repousa sempre, e assim todo assossego
Já traz arrojo e ímpeto, mas, tredo,
Empresta rijo corpo à etérea alma.

Na mesma toada, toda estação calma
Replena-se ela de desassossego,
É tal Narciso que está sempre tredo
De ser somente líquida a sua alma.

Mas isso, Tétis minha, é fino ouro
Ou oloroso âmbar com que aprendo
Um mundo todo inteiro em só teu rosto:

Posto que, enfim, assiste em falso ouro
Beleza parcial que nem aprendo,
Escolho essa vida inteira de teu rosto.

SONETO INDEFINIDO

*ou, dos desencantos do poeta ao perceber que versos não
substituem sua amada*

O que vem a ser pôr palavra e luz em aço,
E esse efeito no som, na voz, em bela imagem?
É só salto sem ver – uma fuga ou miragem
Sem o toque e o calor –. E o corpo que eu abraço

Se desmuda em cambraias só de vento, em laços
Sem barbante, em brocados de rude aniagem
Que figuram e zombam e contam vantagem
E se mostram tão certos, até perder passo

Ou até deixar pose, e se dar como é vista
A palavra ou figura, que não é nem traz
Toda a carne, toda a alma, tudo que um artista

Tão supremo – qual Deus – criou e me deu, mas
Alvitrou colocar em distância. Egoísta!,
Que o amor assim dado e tirado, é falaz.

SONETO BARROCO, MAS MODERNINHO

ou, soneto moderninho, mas barroco

Como pode tua ausência estar aqui,
E fazer-se tão pronta e quase à mão,
Se não ouço e nem posso vê-la, então,
E o que tenho e me cabe és tu sem ti?!

E nem mesmo aprender não me atrevi
A provar tão-somente essa ilusão
Que reluz e até traz consolação
Como a estrela que, lá, só mostra o aí!

E por isso me tenho visto e até
Me coberto com traje que se empenha
Pelo andrajo que mostra, pela fé

Que se investe de ter o que não tenha:
Quase leva-me, a mim, como maré
Que à toa se arremete a toda penha.

SONETO SOLTO

*a Tais Angélicas Mentes, os cantos,
todos os meus cantos*

Ter tal anjo no nome e na leveza,
Mas jungido à distância dura e fria,
É caber em certeza essa agonia
De, sem fim, ser o mundo; e toda proeza

Que se faz com ardor e com certeza,
Sempre assim, de sabê-la bela e, um dia,
Tê-la à mão, ao alcance (quem porfia
Pode, enfim, construir a frágil empresa).

Mas se é débil a vida, e seus instantes,
Não se faz menos árdua toda luta
Que me é dado viver, não são bastantes,

Para tanto, esse afã, essa labuta,
Que bom porto eu alcanço, mas, bem, e antes,
Se me impõe eu vencer-me em tal disputa.

A THAÍS, INSPIRADO EM FRANÇOIS VILLON

A minha dama é moça em quem
Se dá rubor de tal encanto,
Que até seu dia enfim contém
Em si mais luz que o Sol, é tanto
Que vem a ser banal espanto
O vê-la a ela. E nem lhe basta
Opor-se assim a sóis, enquanto
Eu falo e canto em toda essa hasta

E prego sempre o mesmo mote,
De mim saído em voz fluente
– Que é esse o encargo, o certo dote
A dar ao léu, a toda gente – :
Sentindo em mim, em corpo, em mente,
Que nunca, enfim, fará natura
Um ser mais belo e mais ardente
Que queime sóis com mais cordura!

DAS INCLEMÊNCIAS INEVITÁVEIS DO TEMPO

Se em todo dia o todo é quase certo
A menor parte, o mero e parco esbulho
Do haver que, sendo pouco, por orgulho
Prefere o fim ao meio, e o longe ao perto,

Não se dá menos seja então deserto
De instante e pompa, o silente barulho
– Feito nubente sem ouro ou pegulho –,
Esse entremez levado ao palco aberto.

Que nem ao menos palco é, mas o todo
Dia que vem e chega e passa e atende
Por esse nome de vida, ou apodo

Outro qualquer que se dê a chamá-la.
Que é tudo engodo que nem mais surpreende:
Que os dias não deixam sobra nem gala.

AUSÊNCIA DE THAÍS

Há sempre um pouco dessa espera muda,
Que alcança o timbre exato e a tudo fere,
Em cada porto a marca deixa, e a febre
De ver-te aqui ao lado, continua.

Mas se não tenho a certa feição tua,
Ao menos seja dado, com mão leve,
Que possa eu ter noção – e bem conserve –,
Num canto, algum, tão meu, dessa tez pura.

Que o Fado a fez distante mas garbosa,
E a mim me ensina o amar sempre e constante:
Ao ter consolo tal, que tudo eu possa,

Que tenha perto a amada, bem diante
A veja até; que seja feito a rosa
Que, mesmo ausente, ainda é mais fragrante.

LONGE DE THAÍS, MAS NÃO IMPUNEMENTE

O amor que é grande faz tão diminuto
O inteiro mundo; e essa toda saudade,
Um dia ou outro, quem sabe, ainda há-de
Só fenecer de minuto a minuto.

É que tal força, contra a qual eu luto,
Quão mais empenhos cobra, mais vontade
Em mim encontra, é adversidade
Que se desdobra em alento após o luto.

Mas isso, ah!, isso exige essa porfia
Que a cada intento dá seu peso ou fumo
E faz concerto dessa algaravia,

Que é tempo, é pena, é nau quase sem rumo,
Prestes a ver à frente o fim do dia,
Mas já achando em si a proa e o prumo.

SONETO ALGUM

Nada que amor nosso não possa e faça,
É certo valor que a mim dá-me abrigo;
Se acaso há melindre, o incerto é contigo,
E em tudo parece haver ameaça,

Seja até que vem tempo com sua jaça,
Deslustre no sol, fato bem antigo
Que volta e impõe sua dor ou castigo,
Nada que se não curve a sua graça,

Que Amor sempre soube ver danar fado
Até, sem pôr peso ou cor demasiada;
Nunca houve miséria, nem mor estrago

Feito que não pôde se dar em nada;
É como tranquilo fosse o danado
Que às portas do Averno escapa à cilada!

DAS INCLEMÊNCIAS DA SORTE

Em tudo se intromete o Fado e dana
A força que, ora jaça, era pujança;
Usurpa de seu tempo e não descansa
Nem mesmo quando finda gosto e gana.

Beleza que era casta já mundana
Tornou-se e há juízo algum que alcança
Motivo bom ou mote dessa dança
Que nos devolve, ao cabo, à terra plana?!

Se tudo se converte em nada ou quase,
E rio assim tão claro vira lodo,
Se o corpo já fenece em dura estase,

Só há que usar, então, o mesmo engodo,
E dar ao tempo um tempo que o atrase,
Que a vida é tal festim sem gala ou bodo.

O MUNDO, SENHORA, PELAS SUAS COSTAS

O mundo, Senhora, pelas suas costas
De toda sorte de setas me acossa;
Azar que é o meu, paixão que é a nossa:

Daqui a chamo,
Se ainda há voz a tanto!

Lembranças suas em rica custódia
Não olvidei, mas não consola a cópia
Da distância tanta, e até por inópia,

Daqui a chamo,
Se ainda há voz a tanto!

Cuidei que a ouvia chamar-me há pouco,
Nem era vento, nem sua voz tampouco;
Por isso insisto, mesmo se por louco,

Daqui a chamo,
Se ainda há voz a tanto!

DAS APARÊNCIAS DO MUNDO

Quando todo esse fato em falso fosse
Assim feito vestido pouco e só
Se reveste de pontos e de pó
Se cobre e ajunta ao todo amargo o doce...

Quando cada trejeito em gesto e posse
Já traz pose e ademanes mil e o nó
Que se apresta e acompanha então e o dó
E esse júbilo. E toda essa precoce

Velhez então irá fincar em ira
A sisudez da pele e a fímbria fraca
De entremez dessa farsa que, então, tira

Dos fundos da alma o corpo em que se atraca.
Que nem há mais então um porto ou mira
Em que abrigar-se, enfim, de quem o ataca.

SONETO

De lembrança, assim, que corpo se faz?
Se todo ele se dá sempre e inteiro,
Como criar o resto se, primeiro,
Só tenho o menos, para ter o mais?!

Todo sem parte, frente sem atrás
Não há, é certo, mas como refreio
A ânsia de ver teu corpo, perfeito,
Se tenho uma parte só, nada mais?!

A distância é muita, o espaço é imenso;
Eu só posso colocar poucas partes
No seu corpo longe, enquanto o penso.

Que eu aprenda, então, de vez, essa arte
De fazer, do pouco e suave, o intenso:
Em tudo há de haver o que faz sonhar-te!

ALGUNS HAI-KAIS

O piano, coitado!,
se esmera!... Seu ritmo, à vera,
a voz põe de lado!

[cena do Rick's bar]

Fecho então o olhar
ao tempo: eu apenas tento,
sem hora, te amar!

A melancolia
nossa é apenas noite, moça,
antes de outro dia!

Ensinar a espera
do inverno ao amar: eterno
nunca!, eis primavera!

No cair da tarde,
a sua voz me enleva... e, após,
não mais há alarde!

Quando a noite desce,
a sua voz me acalma e, em nós,
um mundo se esquece!

Quando eu te desejo,
amada, é como se, em cada
poça, houvesse um Tejo!

A rua sem gente... o
salgueiro... sou eu inteiro,
sem você: silêncio!

Névoa esconde o Sol...
Gelo n'alma... ah!, seu cabelo,
só ele!, é arrebol!

A minha alma hesita:
o frio é que dá arrepio...
ou você despida?!

A MINHA AMADA

Das areias de Samarcanda,
Veio tua tez de rainha,
O bailado de tuas ancas
Do Nilo é que ele veio, oh minha
Ninfa, de tão rara beleza!
Oh minha musa, de teus olhos,
A lua se esconde, tão certa
Está que não existe em todo o
Orbe, nos altos céus, nos mares
Distantes, pela inteira Trácia,
Nos planetas, mesmo em Antares,
Nada mesmo que faça face à
Formosura tua. E, no instante
Em que te possuo, sou eu
Que me dou, frágil, hesitante,
A ti me entrego, sou só teu!

AMOR?...

As mãos, quando se tocam, não o fazem
Sozinhas... já os pés também se põem
Até no mesmo andar logo depois,
E agora os corações bem perto batem...

Dizem, então, as bocas, que não sabem
Mais nada e os corpos são os de dois
Bebês com seu espanto do que foi
Que os fez nascer assim, num só relance...

A seguir, nos tornamos juntamente
Velhos e novos, muito até acima
Do tempo, mas é que ficamos rente

A toda coisa, atentos, sim, à vida,
Enleados com o quê, em nós, é sempre
Um riso, esse prazer – folhas na brisa!...

SONETO

Ao tempo não se pede a justa conta,
Que o viver é exato só malmente.
Um dia ao outro segue, sempre em frente,
E atrás ficamos nós... Mas tal afronta

Nunca nos deixa indenes, como a onda,
Que, quando chega à praia, se ressentido
De não ser mais aquela que, insistente,
Cruzou o todo mar, de ponta a ponta.

Se um dia ao outro segue, minha amada,
Há que ter o cuidado de inventarmos
Um ao outro, outro ao um, em toda data,

Que o tempo não se faz dor ou marasmo,
Se a ele impomos nós o ouro e a prata
Que temos, quando um diz ao outro: Eu amo!

SONETO

Desculpe-me! É que estou muito sozinho,
Quando me sinto é muito pouco em mim
Que vejo: ar rarefeito ou algo assim
Como uma rota à espera de um caminho...

Perdoe-me por ser tão solitário!
Eu bem tentei fazer que algum amor
Chegasse até você, mas o torpor
Que atrasa as horas, mata o calendário!...

Feito uma água que escorre entre os seus dedos
E seca as mãos e nunca molha a terra,
Vou me deixar levar, já sem segredos:

Falto de forças, fraco em fazer guerra,
Sou vaga se batendo entre rochedos,
Que vira espuma já, que nada encerra!...

SONETO

Há algo assim... o te amar com essa urgência calma...
E esperar o momento que, por fim, dê voz
A essa doce premência que nos faz, de nós,
Crianças tão surpresas com sua própria alma!

É isso, minha amada!, quando está tua palma
A minha palma unida, o tempo vai veloz,
Mas o mundo se aquieta e, até, desata os nós
E os enganos desfaz e cura todo trauma!

Por isso, quando, agora, tão distante estás,
Quando não mais escuto teu sorriso claro,
Que a distância daninha me desperta as más

Imagens... já me lembro: teu semblante raro,
Tua pele macia, a beleza que faz
De ti o meu perfeito e tão ansiado amparo!

LADAINHA

Para que nenhuma mulher mais seja humilhada pelo marido,
Cantemos os hinos!

Para que nenhum marido seja mais desprezado pela esposa,
Entoemos loas!

Que a cada amor de qualquer um corresponda exato outro amor,
Toquemos tambor!

Para que nenhum apaixonado mais tenha de amar às escondidas,
Oremos nas missas!

Que todos os dias sejam propícios à paixão e a seu fogo,
Peçamos a todos!

Que as loucuras feitas em nome do amor sejam sempre incensadas,
Batamos as palmas!

Que as tardes de verão aqueçam cada amor com seus calores,
Soltemos louvores!

Para que as noites aconcheguem os amantes e os sonhos seus,
Rezemos a Deus!

Que as manhãs de chuva sempre benzam os leitos de amor em todos os lares,
Gritemos aos ares!

Que ao amor se permita sempre curar os corpos com sua bênção divina,
Enunciemos vivas!

Para que o mundo, enfim, compreenda que só pelo amor se acerta,
Preparemos festa!

Para que saibas, querida, o quanto me fazes feliz e melhor,
Ei-lo, o meu amor!

SONETO

Não nos acostumemos, minha Amada,
Ao Sol, que nasce sempre, a cada dia,
Pois sem ti mesmo luz não haveria,
Não fora tua presença delicada.

E como respirar, sorvendo a cada
Instante a vida?! Tão cinza e vazia,
Princesa, tão mais árida seria
A existência! Teu ar faltando é o nada

Que me toma e me abate, oh!, minha doce
Rainha, é que em teu corpo aprendo a ser
Novamente criança, como fosse

Recém-nascido até, que nem sequer
Disso soubesse! Oh! Deusa, dá-me posse
De mim! Por teu amor, dá-me viver!

SONETO

O amar-te é trabalho tão delicado,
Pois faz-se dia-a-dia e, sem descanso,
Descobre claridades onde, entanto,
Havia antes só escuro fado.

Devo fazer-me, assim, fiel soldado
Que se empenha nas lutas, mas, tão manso
Se mostra que, nas batalhas, de espanto,
Beija o inimigo e confunde seu lado!

Não há mais dizer, oh, minha querida!,
Que nem palavras há, e nem há flores
Que possam dar-lhe a imagem da desdita

Em que me vejo agora! Quando fores
Capaz de ver-me em dentro, é toda a vida
Que vai surgir, enfim, por sobre as dores!

[TEMPO, TEMPO, TEMPO...]

O tempo não é inimigo
Do amor; antes, isso que sinto
Espreita os dias, deles ri,
Sábio, arma calmo frenesi,
Espana a poeira das mobílias,
Arquiteta, até, sua vindita,
Se o tempo, rebelde, recusa
Que o amor, enfim, se consuma.

Mas, sem o sonho, o que é o amar,
Senão pobre rascunho tosco
De um quebra-cabeça de armar
Sem cor, sem brilho, tão fosco?!

[SEM TÍTULO]

Oh, minha amada, que a tua ausência
É um lago escuro, a me chamar...

Só, como estou, como é imensa
A solidão. Não tenho lar!

Nem tenho mais nenhuma crença!
Risos, se os dei, foram-se ao ar!

Oh, minha amada, a tua ausência
São flores murchas num alguidar.

Em cada imagem que ainda tenha
De ti, me dói, só no lembrar!

Oh, minha amada, amada e muito,
Quando estaremos enfim bem juntos?!

SONETO

Quando é que o desamar começa em nós,
E as horas todas perdem o brilho e o viço,
E as nossas faces, sim, já sem sorriso
Ficam, e o que era pujança volta ao pó?!

Quando é que se divide a vida em após
E antes, que se instala o instante preciso
Que ao tédio sucede o tédio e por isso
É que nosso amor as armas depôs?!

Depois... mas não há bem como medi-lo,
Exato: escapam sempre Amor e Tempo
A qualquer precisão... Se nem asilo

Nos dão, é que deles nos esquecemos:
Ao navegarmos por mares tranquilos,
Não soubemos o que fazer dos remos!

[SEM TÍTULO]

Que tempo que nos resta e que nos salva
De ter perdida a vida e todo amor
Perdido? Quando algum de nós faz falta
Ao outro e o que sobrou não saberá
Que fazer com o tempo já sem alma
Que lhe restou e, agora, apenas lembra
De um outro tempo de antes que era alba
E alba apenas ficou, nunca a crepúsculo
Chegou, nem chegará, que o que era alfa
Bem muito rápido ômega tornou-se
E, num vaso vazio, como malvas,
Explodindo sua cor violeta e, então,
Aos poucos fenecessem, já sem a aura
Que lhes desse o cuidado cotidiano
Do amor e do carinho, a paixão alta
Com que cuidamos nós de quem amamos...
O que se vai fazer, então, da calma
Dolorida que, após, vem tomar conta
De quem sobreviveu, que mesmo a alva
Cor do que veste é luto, o que se faz
Quando um não tiver o outro, minha Laura?!

SONETO

Todo o esforço que ponho neste amor,
Cezzindo o dia-a-dia com cuidado
E a ti me dando inteiro e sem enfado,
É maior que o trabalho do Senhor!

Como aqueles sete anos de pastor,
Feliz é que me dou por condenado
E não peço e nem quero um outro estado,
Além deste, em que tenho o teu favor!

Por isso é que carrego, não algema
(Que à vida me ataria triste e quedo),
Porém, sobre a cabeça, um diadema:

É coroa que ostento sem segredo,
Pois que leva teu selo por emblema:
Estrela d'alva que nasceu bem cedo!

SONETO

Um dia nunca é igual a qualquer outro,
Há sempre a soma toda dos afetos
Que temos entre nós e, quando abertos,
Os nossos corações destilam ouro!

Alguns até perguntam: de tão pouco,
Como fazem vocês amor tão certo?!...
Qual alquimia é essa, que concerto
É esse entre a acalmia e o vivo fogo?!

Nesse doze de junho, os namorados
Arrancam dos canteiros toda rosa,
Colorem emoções de olores raros!

Minha querida, mesmo sem que eu possa
Vencer o espaço e estar bem a seu lado,
Em cada canto, eu canto a paixão nossa!

SAUDADE

Todas as coisas que acontecem
Não são nossas! Não nos pertencem
O prazer ou a dor! E, assim,
Nós seguimos: por mais intensa e
Certeira seja essa paixão,
Ou a saudade menos leve,
Rascunhando espinhos na alma,
Pondo incômodos sobre a pele
E, abaixo dela, construindo
Catedrais de ti já ausente,
Ainda assim, não faz tudo isso
Ser quem somos: apenas gente
Que ousa medir, com sua vontade,
O mundo. E, agora, aqui, é sempre
A mesma luz suave da tarde
Que vem, como quem nada teme,
E me dá a ver aquele brilho
De seus olhos, o mesmo quente
Apelo da vida, explodindo
No azul das hortênsias! Lamentem
As demais pessoas o pouco
Que fazem e são!, tão contentes
Ficariam todas sabendo
Que somos falhos, que elas sentem
Muito o que fizemos!... Mas nada
Disso nos constitui. Somente
A vontade de amar nos faz!:
O me saber melhor, o ver-te
mulher (na boca tão silente

Quanto é loquaz no próprio corpo,
Quando deixa falar, à frente
De tudo todo o teu desejo
Mais puro). E é exatamente
Isso que nos faz de nós sermos
Quem somos: tu que me prometes
Nada, apenas o breve instante
Que pode ser a vida (o ingente
Trabalho dos dias). Mas tudo
Isso são só palavras! – Entre,
Minha querida, está aberta
A minha porta, e está carente
Meu coração de tua beleza!

[SEM TÍTULO]

É que me toma a mim um amar-te tanto!,
Uma melancolia até, um espanto,
Sempre que ouço, atônito, essa voz tua,
Ou quando apenas lembro a cor da Lua
Ou seu brilho que luz nos olhos teus,
Que murmuro: até quando, assim, meu Deus!,
Nós vamos suportar essa distância,
A ausência de um ao outro, que não cansa,
Que não sossega nunca a atormentar
Os sentimentos nossos, que em lugar
Algun nos deixa ter nenhum descanso?!...
É que me toma a mim um amar-te tanto!...

[SEM TÍTULO]

Flores, não as trago, querida!,
Seriam pálida lembrança
Da Beleza, que, em todo dia,
Orna teu rosto e jamais cansa!

À natureza não se humilha!
Por que opor-lhe a imensa luz sua,
Que prova, enfim, que nos ensina
Ser o Sol inferior à Lua?!

**terceira parte –
letras para música**

[SEM TÍTULO]

O dia acordou perfeito:
tinha a sua tez, o seu jeito,
aqueles traços violeta
com que o Sol espanta a negra
tinta da noite, ele aprendeu
com seu cabelo. Agora, eu...
eu fico bobo, saudoso,
vendo, em tudo, um mundo novo
que nasce de você, mulher!...
Você é tudo que se quer
da vida! É sua voz que lambe,
como o vento, os edifícios,
dizendo: venha e me ame!
E eu obedeço! É difícil
contrariar! O que posso
fazer?! Sou só o seu moço,
este aqui que a ama e sempre
amará, nunca duvide!
Ainda que a inveja atente,
que haja gente a dar palpite...
Ah!, o dia está perfeito,
ele tem todo o seu jeito,
seu perfume bom, sua cor,
ele foi feito especial,
tal e qual você, meu amor!

[SEM TÍTULO]

Se você pedir, eu deito no vento.
Se você quiser até neve, eu tento.
Faço correr todo o tempo p'ra trás.
Mal não faz, se aqui, agora, eu preparo
concerto de estrela e ponho na mesa.
Descarto certezas, até entortar
a linha do horizonte e encostar onde
o sol faz uma cama. O calendário
já rasguei e, até junto, a fantasia.
De um único porto, eu alcanço os vários
destinos que são nossos já, e, um dia,
sozinho vai valer por muitos séculos.
Com o *spray* das nuvens, gravei no céu
seu nome em branco no papel azul.
Troquei norte por sul, o mi por dó,
só para provar, só para dizer
sem palavras o que digo a você:
se você pedir, eu deito no vento...

[SEM TÍTULO]

Um tantinho de magia
é o que a gente mais precisa,
Princesa.

O que já não mais havia,
ou ficou lá bem atrás,
levado embora na brisa,
deixado tomando pó
em alguma gaveta, mas...
é tempo!

É o que eu digo: é tempo, e só!...
que a gente ponha mais cor
na vida;

se deixe ficar à sombra,
secando a sede e o suor,

Querida,
bem deitados numa rede,
vivendo os dois numa ilha,
que seja em Itapuã,
ou então outra qualquer,
vendo o Sol já de manhã
pintando suas maravilhas,
Mulher,

a vida tão simples, bela
como a que antes havia
com seu tanto de magia!

[SEM TÍTULO]

E essa vontade
que idade ela tem?!
Essa vontade de te ver de perto,
de saber bem certo
o cheiro seu,
o som da voz,
a cor do batom!
A estampa do vestido,
o sentido das coisas
que habitam esta manhã:
chá de noz-pecã
ou de camomila,
rede na praia, numa ilha
bem longe, só nossa.
Nossa Senhora, só de pensar
nos azuis do mar
e do céu,
meu Deus do céu,
que susto bom!...

Essa vontade
tem a idade
que a gente põe nela,
tem as tintas da aquarela
com que pintaram,
do fundo ao alto,
o colorido
bonito
do Mundo...

RECEITA DE DIA PERFEITO

Pegue esse sorriso seu
e guarde.
É só esperar mais tarde,
depois que a noite desceu,
quando a cidade se agita
à toa,
debaixo da paz tão boa
das estrelas infinitas,
aí é só apagar
a Lua,
e ponha nesse lugar
seu sorriso, minha musa.

Depois, reserve num canto
sua voz.
Ela, que dança entre nós,
vai saber calar o espanto
e a tristeza e a indiferença
do povo,
que a cada dia, de novo,
esquece que a vida é imensa.

Seu olhar tão doce e meigo,
eu pego,
tempero com algum beijo,
e ponho a aquecer no Sol.
É o que basta p'ra fazer
até
sorrir quem vive tão só.

Tire de dentro a menina
pequena
que, na sua alma, se aninha,
faça dela a atriz na cena
do céu...

No céu, seja a estrela d'alva,
que, na manhã, nasce e acalma
minha vontade de ser seu!

[SEM TÍTULO]

Meu calendário é cheio de buraco,
tem quando eu vivo, e dia que eu não vivo,
nem tudo é farinha do mesmo saco!

É que, se não a vejo, não tem mesmo graça,
o tempo não passa, a hora não chega,
o dia se arrasta, o ar não refresca,
a vida só finge, murcha todinha,
é boca sem fala, um trem sem sua linha!
Encontro marcado? Só em duas semanas!
Me diga: até lá, que eu faço sozinho?
Gastei quase inteiro o lápis carmim,
Riscando com X, os dias vazios...
É que, se não a vejo, nem mais eu sorrio,
parece que o Sol levanta forçado,
só olha de lado e desce de novo!
Mas, quando eu a vejo, tem festa e até missa!
Acaba a tristeza, é finda a preguiça,
as horas só correm, o tempo, então, voa...
P'ra minha desgraça...
Depressa é que passa o tempo outra vez!
Um mês pela frente, p'ra vê-la de perto!
Decerto que eu pego o lápis vermelho,
já quase sem ponta, um toco de velho,
de X vou enchendo, mi'a vida vazia!...

[SEM TÍTULO]

Até gesto pequeno eu calculo,
não vá um sim, um não, meu descuido
pôr tudo a perder...

Palavra, até menor que seja,
eu batizo na igreja, no colo
acalento! Veja

bem o que digo, não vá agora,
Senhora minha, achar que há perigo
quando bem insisto

em pegar sua mão, compromisso
não é não, é carinho, e vem vindo
de onde mesmo? Ah, isso

mesmo não sei de onde e nem mais quero
saber! Não gosto de lero-lero...
Quem acha que sabe

é que mal cabe em si... eu, por mim,
não quero explicações de por quê
não posso dizer

nada, às vezes, no que olho seu rosto,
no que escuto o que você diz, todo
atento o meu corpo

ao seu, não vá agora ousadia
bem fora de lugar, de hora ou dia,
pôr tudo a perder!...

[SEM TÍTULO]

Senhora, você chegando,
é como ouvir um tango,
na voz do próprio Gardel;
pintura com mata e céu
pendurada na parede,
enfeitando a sala; é rede
com rendas, se balançando
com crianças nela brincando;
geladeira com pinguim;
feriado sem ter fim;
sabonete Phebo novo;
farofa nunca sem ovo;
gavetas todas em ordem;
pernilongo que não morde...

Querida, é que, você vindo,
é que nem namoro infindo;
picolé que não derrete;
conta de mentira em 7;
pinguinha nunca em excesso;
esse meu samba, um sucesso;
tapete dizendo até:
bem-vindo, mas limpe o pé;
numa estante, um São Gonçalo;
prato de bife-a-cavalo;
quintal sempre bem varrido;
galo cantando atrevido;
azeitona sem caroço;
Mundo todo inteiro nosso...

Meu bem, você por aqui,
vestida assim de organdi,
não largo essa rima e, aí,
vai ser um bom frenesi,
casa cheia de guri,
visita de colibri
às nossas flores daqui...
e tudo é assim porque
essa vida com você
é aventura e maravilha:
vento, algum mar e uma ilha!

[SEM TÍTULO]

Quando a gente toca o céu,
como é que se faz, me diga!,
p'ra descer p'ra terra e, então,
p'ra mentir p'ra si, dizer
que se engana o coração?!

Quando a manhã nasce bela,
radiante, e só eu vejo,
é um beijo em que pensei,
sussurrei o nome dela.

E quando o trabalho aperta,
o dever nos chama agora,
eu paro e não vejo a hora
de vê-la bem mais de perto!
p'ra isso é que eu já abri
a porta, a mesa está posta,
a cama arrumada e pronta
(belos lençóis de organdi),
o café feito quentinho
na espera desse primeiro
carinho dela, que chama
meu nome e pula na cama,
me desperta para a vida,
depois, me acalenta tanto
que até esqueço, querida,
de tudo, volto a dormir,
teu colo me seca o pranto,
é que não há mesmo dor
nesse céu nosso, essa ilha
inventada pelo amor!

[SEM TÍTULO]

A lanterna dos afogados
acolhe os mortos e seus rastros...
quando naufraga alguém e some,
ela evita que se transforme
bem depressa, em esquecimento.
A lanterna assim se faz berço,
cada ser perdido renasce
e volta para os seus... renasce
como as flores que cobrem campas
e fazem festões de guirlandas
e encapam a cor cinza, o sério
que impõe seu luto aos cemitérios.

Laura, é você!, minha lanterna...
Você é quem chama de volta,
tudo o que fui, as minhas penas
e também as lembranças boas:
a partida de futebol
de criança, a casa da avó,
o quintal com as goiabeiras,
algum pedido de namoro
recusado, o não ter maneira
de dançar, um olhar tão torto
do pai... a escola... a vida... o bar...

E vem você reconciliar
meus eus de antes e esses de agora...

Laura, então, o que é que me importa?!:
Laura, tão delicada flor
de malva, Laura, todo amor
lhe devo, a todo amor me atrevo,
no que você, bela! me traz
minha vida de novo e dá
a mim seu mundo, toda a luz, o
com que acho o caminho de volta,
a porta, a casa, o quarto ao fundo,
a cidade, a ilha, o país,
um lugar e um tempo feliz
que foi, que está sendo de novo
e que será, no que couber,
Mulher minha!, em nossas vontades
(um mapa de tantas idades)!!

RECEITA DE MULHER

Vinicius de Moraes que me perdoe...

Tem que ter uns olhos doces
rasgados como se fossem
desenhados por Gauguin;
nas faces, sol da manhã,
mesmo se eu a vejo à noite;
os trejeitos, quase açoites
de chicote de açucenas;
uma boca bem pequena,
que não poupa riso algum;
sobrancelhas são debruns
bem negros, bem afilados,
fazendo par com seus lábios;
ah, estes, então, que belos,
firmes, fortes e vermelhos,
dão inveja a toda gente!;
cabelos fazem presente
a imagem de alguma gueixa
que faz que quer, mas não deixa!;
o colo anuncia seios
que me metem em tal enleio
só de me pôr em sonhá-los;
os braços, leves e claros,
apontam-me um paraíso
entre o possível e o preciso;
o ventre é liso e perfeito;
o púbis leva bem jeito
de estátua romana ou grega,
com pelinhos como nesgas

que nem a esconder não chegam
a sua pele branquinha;
a vagina é mesmo minha,
nas nossas horas de amor,
mas, mesmo se assim se não for,
se estamos longe um do outro,
é ainda essa joia de ouro
que ainda pertence a mim,
vermelha feito um rubi,
de fragrâncias orientais
perfumada e muito mais!;
as coxas são bem redondas,
suaves feito essas ondas
dos mares de Taiti;
mas, atenção, ai de mim,
se não festejo a beleza
que ela espalha ao caminhar,
minha tão doce princesa,
o seu corpo é meu altar!!!!

DANÇA TRISTE

A minha bailarina
só dança e não repara
no amor que dá, é menina
e tem pele tão clara
e tem a voz tão doce
e tem o olhar tão forte
de um jeito, como fosse
capaz de amar a morte,
e tem pés tão matreiros,
que, quando pisam em cima
do coração, certos,
nem doem. Ah! menina,
que pena seja eu
mais um tolo incapaz
que nunca que aprendeu
que amor não é... se faz!

A bailarina, agora, vai-se embora,
já não dança mais não...
As sapatilhas pôs de lado, e então,
nem vê, nem imagina, é bem menina,
meu ser amargurado
de coração já frio,
que passeia a tristeza
no tablado vazio...

[SEM TÍTULO]

Laura, vi seu rosto, agora,
inteiro, todo belo assim,
e eu só dizia: vam'bora!
Foi o primeiro pensamento:
Vam'bora, vem comigo,
se solta no meu braço,
vem no passo, não há perigo!
O dia é aqui,
lugar é quando,
vivendo, sonhando,
vamos indo,
vamos já, p'ra lá, p'ra cá,
é o que eu sinto:
nem importa mais,
nem importa nada.
É você, minha namorada!
E faz pouco tempo, eu vi,
eu vi, sim, seu rosto,
exposto, tatuado no meu corpo,
agora há pouco,
ainda já louco não sou,
nem estou, nem quero,
espero só que a noite caia,
e até que chegue o dia novo,
não há estorvo, é praia!
e estamos juntos, 'stamos sós,
nós dois no céu, nós dois ao sol,
então!

E bato palmas p'ra você,
p'ra quê?, mas p'ra fazer sua festa,
sempre, em frente, sempre, vamos
tocar bolero de orquestra,
pôr Tim Maia p'ra você,
p'ra você dançar,
sentir-se tonta demais
(é tanta onda de mar...)
sentir-se amada e
feliz (é muita saudade...
nem cabe em verso algum que fiz!),
Menina! Menina!
Vem p'ra dança, vem!,
bailairina minha!,
se solta, me agarra também,
me arranha de paixão,
não diga não, não perca tempo,
cada segundo sem mim,
eu sei!, fica doendo
sem jeito, e comigo, então?!
Não sou perfeito, mas tento,
tento muito por você,
venha ver, tocar, sentir!...

EU PEÇO ARREGO

'Tá certo, você liga,
diz que vai se atrasar,
mas é pouco, não briga,
meu bem, me diz, com ar
de desdém. Ô, meu bem,
não vai chorar, também
não é assim p'ra tanto,
é só enquanto aqui,
no serviço, eu termino,
coloca esse menino
p'ra dormir, eu já chego.

Já pus as panelas no fogo,
você liga e diz que tem jogo,
que não pode faltar, dá azar!
Quem é que 'cê pensa que engana?
Jogo nada! Acha que eu não sei?!
Na casa daquela fulana,
é onde está, pose de rei,
sorriso no rosto, palito
no dente, hálito de hortelã,
não tem que atender nenhum grito
de criança. E chega de manhã,
dizendo: Perdi o meu bonde,

dinheiro botei não sei onde,
me arruma algum p'ra condução,
'cê sabe bem que o meu patrão
é duro, vacilou, é rua.

Eu dou o trocado, na sua
eu não entro, de que adianta?
Mais à noite, 'cê vem p'ra janta,
só me faça um grande favor,
abraço, denço, até que vai,
só não a chame meu amor!

MAU COSTUME

Eu tenho esse mau costume
de acordar com seu abraço.
E quando chega o cansaço
do dia mal acabado,
estou mesmo habituado
a ouvir seu riso amigo
dizendo: não há perigo,
vem p'ra cama, vem p'ra perto!
Se o mundo virou deserto,
se o copo já se derramou,
se uma flor, por aí, murchou...
Eu tenho esse mau costume
de saber que sua presença
tão bela, e mais!, tão intensa,
povoa o mundo com gente,
floresce e deixa contente
qualquer paisagem que eu veja...
Por isso, eu peço, que esteja
presente sempre a meu lado!
O mundo só faz sentido
quando você dá abrigo
a meus medos e me faz ver
como fui e sou amado!
O que eu digo só tem senso
quando ganha o brilho intenso
da sua voz e do seu olhar...
Eu tenho esse mau costume!...

[SEM TÍTULO]

Na Rua dos Estudantes,
estava ela
bem diante
de mim. Não era moça de janela,
nem vendedora era ela,
passeava, sutil, delicada...
Em cada
degrau de escada,
apertava o meu coração,
meu coração de estudante que não
tinha posse nem cabedal,
mal sabia de si.
E assim
ela passava e passeava,
flutuando, ritmo de ave...
Ave-Maria, eu só rezava,
diante de tanta beleza:
olhos amendoados de surpresa
e passos de gazela
eram os dela,
vindo em minha direção
e eu enfrentei contramão,
tempestade,
interpelação de autoridade,
tudo enfrentei apenas
p'ra ter o corpo dela a meu lado,
esse conjunto delicado
de carne e alma,
que pouca gente experimenta,
pondo calma
na cidade barulhenta...

[SEM TÍTULO]

Nestes mares distantes,
sua ausência é uma garrafa
que volta à praia antes
que chegue ao oceano...
Eu quis escrever nela,
com tintas deste sol,
com aroma de canela,
uns versos p'ra você!...
Dizer que é de baunilha
que Deus fez seu sabor...
E as praias desta ilha,
meu amor, de azul intenso!,
me servem de cenário
p'ra sonhar com outro tempo,
comigo e você junto!
Nestes mares tão longe,
saudade dói, e muito!
O tempo é agora, é hoje;
ontem acabou e, então,
o amanhã nunca chega!...
A vida aqui me cega!,
você só que me ensina
como apressar os dias!
Venha p'ra cá, menina,
calmar minha agonia,
pôr carinho em meu corpo,
alguma paz na alma!
Eu ando meio torto,
ou, então, muito doído!...

Me mande beijos, mande!,
pro seu amor perdido
em ilhas tão distantes!...

**quarta parte –
quase epílogo**

Não sei como falar da sua beleza, sem que, no instante da voz se intrometa o tremor diante do divino. Não sei como lembrar de seu rosto, do perfume do seu cabelo, da maciez da sua pele, sem que, reduzido a escombros, eu fique apenas sensação de ausência, apenas saudade eu me torne. E aí, transformado em novelo enrolado em torno dessa dor miúda, quando tudo parece apontar para nada, é aí que eu recupero minha visão, no exato instante em que você também dá voz e vez a sua paixão por mim, anula a distância entre nossos corpos, surge diante de mim, soberana, luminosa, serena, com o melhor sorriso que aprendeu das amantes de Samarcanda, é aí que o Universo, docilmente, se ajoelha diante de nós e nos coroa rei e rainha da vida, soberanos de um amor que se inventa a cada momento, que nos transforma e enfeita para sermos, apenas, eu e você... simples assim!

DO AMOR

*Jouer harmonieusement de la cithare va de pair avec le
maniement du fer – Alcmeno.*

Amor, pássaro que põe ovos de ferro – Guimarães Rosa

Não há, em todo amor, mais graça e engenho,
Senão os que lhe outorga o certo esmero,
O mesmo esboço ousado que um só dedo
Se impõe como arrojada empreita
E arrisca-se a traçar, tão lento e ledó,
Podendo associar grave ao gracejo
Em único desenho, corte ou ceifa,
Que é mais, é mesmo o quase certo apreço
Por quem sabe ensinar inteira
A vida, do fim ao começo.

E supõe, então, o desvelo
De vária fatura, esse enlevo
De tocá-lo assim, e mais, só de vê-lo,
Dando então a dura macieza ao zelo,
E insana labuta ao sossego.
É que, feito de fero e ferro,
Não quer Amor voz, e nem vez aceita
Que não seja a pluma e seu peso,
Isso que, nele, enfim, permeia
A vida, do fim ao começo.

E é dando prova de secreto
Fausto, é bordando em fina teia
A durez sem par e sem medo
Que sojiga mares a areias,
É assim que se asenhoreia
De tudo o que se move e, lento e certo,
Infatigável como sói e sempre
Foi, é só assim que Ele atende
E enfim busca e expõe o sobejo:
A vida, do fim ao começo.

E é riscado em chanfro e talhado em gelo,
E trocado em fogo, todo tão perto
De uma divindade, qual Febo
Fosse, que faz ver, por completo,
A vida, do fim ao começo.

Este livro foi editorado com as fontes Minion Pro e Swis. Miolo em papel pólen *soft* 80 g; capa em cartão supremo 250 g. Impresso na Gráfica e Editora Copiart em sistema de impressão *offset*.